



Gabriel Martins Murad

**Os ibéricos do Terceiro Reich: as
relações e interações entre o Eixo e a
Península Ibérica e a formação e
atuação da Divisão Azul**

Monografia apresentada à Graduação em
História da PUC-Rio como requisito parcial
para obtenção do grau de licenciatura em
História.

Orientador: Maurício Parada

Dedicatória

In Memoriam da minha avó Maria Gomes Martins pelo seu amor e meu primo Gleidson Adílio por acreditar no meu potencial.

Agradecimentos

Deixo minha gratidão às seguintes pessoas:

À Pontifícia Universitária Católica do Rio de Janeiro.

Ao Vice-reitor Comunitário Professor Augusto Luiz Duarte Lopes.

Aos professores, funcionários e alunos do Departamento de História da PUC-Rio.

Ao meu professor e orientador Maurício Parada.

Ao meu primo Anderson Felipe Gonçalves.

À minha tia Maria Cristina Martins e minha prima Morena Barroso Martins de Freitas.

Aos meus pais Eleni Martins e Marcelo Luiz Murad.

Aos meus amigos Erick Viana Ferraz, Pedro Baricala, Filipe Barbosa Silva, Antonio Sampaio, Márcio Alves e Matheus Alves.

Resumo

A Divisão Azul foi uma unidade composta por voluntários espanhóis e portugueses formada em 24 de Junho de 1941 para lutar no front oriental pelo Terceiro Reich durante a campanha contra a União Soviética. As origens dessa unidade derivam de vários temas, desde o contexto político de Espanha e Portugal até o antibolchevismo inflacionado pela Operação Barbarossa, mas o que se dá destaque é o resultado da Guerra Civil Espanhola, onde os nacionalistas conseguiram alcançar a vitória contra os republicanos em 1939 graças ao apoio valioso prestado pela Alemanha e a Itália. Tendo como objeto de estudo a Divisão Azul, este trabalho não visa apenas analisar sua formação, trajetória e legado como também entender as relações políticas entre os países da Península Ibérica e os do Eixo indo desde a Guerra Civil Espanhola e o Estado Novo em Portugal até a Segunda Guerra Mundial. Com base em livros e artigos, pretendo entender a história de Espanha e Portugal durante a Segunda Guerra Mundial onde, mesmo neutros, não se viam fora da luta entre os Aliados e o Eixo e como que isso tudo está ligado a criação da divisão de voluntários que se destacaria em combate e criaria um próprio tema de estudo.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola; Estado Novo; Eixo; Antibolchevismo; Divisão Azul.

Abstract

The Blue Division was a unit made up of Spanish and Portuguese volunteers formed in June 24 of 1941 to fight on the eastern front for the Third Reich during a campaign against the Soviet Union. The origins of this unit derive from several themes, from the political context of Spain and Portugal to the anti-Bolshevism inflated by Operation Barbarossa, but what stands out is the result of the Spanish Civil War, where the nationalists managed to achieve victory against the Republicans in 1939 thanks to the valuable support provided by Germany and Italy. Having as object of study the Blue Division, this work aims not only to analyze its formation, trajectory and legacy but also to understand the political relations between the countries of the Iberian Peninsula and those of the Axis going from the Spanish Civil War and the Estado Novo in Portugal until a World War II. Based on books and articles, I intend to understand the history of Spain and Portugal during the Second World War where, even neutral, they did not see each other outside the struggle between the Allies and the Axis and how this is all linked to creation of the volunteer division that would stand out in combat and create its own study theme.

Keywords: Spanish Civil War; Estado Novo; Axis; anti-bolshevism; Blue Division.

Sumário

Introdução	6
Capítulo I – A instabilidade ibérica e a busca de uma modernidade	10
Espanha: um liberalismo baseado em tradições e corrupções	10
O Trauma do declínio e o aumento do caos	12
Portugal: a crise liberal e rumo ao autoritarismo	17
O Estado Novo: corporativismo e uma solução portuguesa ...	21
A Guerra Civil Espanhola (1936-1939): o intervencionismo e a “amizade” do Eixo	24
Capítulo II – As relações e interações entre a Península Ibérica e o Eixo	31
Espanha: uma amizade baseada em oportunismo e a fachada da neutralidade	31
Portugal: uma mediação diplomática resultado da disputa propagandística entre os Aliados e o Eixo	38
Capítulo III – A Divisão Azul e a Batalha de Krasny Bor	46
Recrutamento na Espanha	46
O treinamento e organização	49
As táticas e a moral da unidade	57
A ofensiva soviética em Krasny Bor e a preparação das defesas.....	64
O desenrolar da batalha	66
A repatriação dos últimos batalhões e o legado da Divisão Azul.....	69
Considerações finais	74
Referências bibliográficas	77

Introdução

O trabalho tem como objeto o estudo sobre a *250. Einheit spanischer Freiwilliger* da Wehrmacht, mais conhecida como Divisão Azul. Formada a partir de voluntários espanhóis e portugueses em 24 de junho de 1941, a unidade lutou a serviço do Terceiro Reich no front oriental contra a União Soviética, cuja invasão aconteceu em 22 de junho com o início da Operação Barbarossa.¹

A Divisão Azul teve suas origens na complexa relação da Espanha com a Alemanha, onde mesmo não participando da Segunda Guerra Mundial, houve espanhóis e até mesmo portugueses em sua minoria que lutaram no lado alemão, tendo como principal motivação o combate ao comunismo. A unidade foi fruto de uma relação entre Franco e Hitler já que durante a Guerra Civil Espanhola o lado nacionalista teve auxílio tanto da Alemanha quanto da Itália que foi fundamental para sua vitória contra os republicanos, ao mesmo tempo em que compartilhavam pontos de vista semelhantes.² Não só tendo um sentimento recíproco diante da ajuda recebida pelo Eixo durante a guerra civil e as pretensões do governo de Franco de tornar o país numa potência mundial através do envolvimento na guerra, o sentimento antibolchevista foi o que motivou milhares de voluntários a se alistarem.

O historiador Carlos Caballero Jurado em seu trabalho sobre a Divisão Azul explicita o que seria um dos principais motivos dos espanhóis desejarem lutar contra a União Soviética, isso porque tem relação com republicanos e o envolvimento soviético na guerra civil:

“Sem ajuda soviética, o regime revolucionário da Frente Popular Espanhola (estabelecida em Fevereiro de 1936) teria entrado em colapso em alguns meses após o início da Guerra Civil. No entanto, a URSS proporcionou grandes unidades de armamentos modernos, bem como de pessoal militar para ajudar o Exército Republicano Espanhol. A União Soviética também organizou a chegada das Brigadas Internacionais. Durante a Guerra Civil, a ala da esquerda do Partido Socialista Obrero Español (Partido Socialista Operário Espanhol), simpatizante com a União Soviética, e o Partido Comunista

¹ A Operação Barbarossa foi o codinome para a invasão do Eixo à União Soviética, com o objetivo de conquistar e anexar territórios os soviéticos a fim de aproveitar mão-de-obra das populações locais e seus recursos naturais a fim de cumprir a agenda ideológica nazista.

² Os republicanos são denominados aqueles que lutaram pela Segunda República Espanhola, liderados pela coligação política da Frente Popular que juntava diversos partidos e organizações de cunho socialista, comunista, anarquista e sindicalista, inicialmente para as eleições de 1936, mas depois seria a facção a se opor aos nacionalistas para manter a república viva.

Espanhol, tiveram quase que o controle completo das áreas da Espanha controladas pela Frente Popular. Esses elementos dentro da Frente Popular foram responsáveis por instigar uma forma stalinista de terror, assassinando vários milhares de seus inimigos de direita.” (JURADO, Carlos Caballero. *Foreign Volunteers of the Wehrmacht 1941-45*. P. 4, “tradução nossa”)

Analisando a idéia de Carlos, percebemos que não se tratava apenas da reciprocidade entre a Espanha e o Eixo, tal questão será abordada mais para frente através das relações políticas e diplomáticas junto com o desenrolar dos eventos da Segunda Guerra Mundial. Os horrores da guerra civil deixaram um profundo ressentimento e ódio em várias pessoas que apoiaram os nacionalistas, que chegavam até mesmo a culpar os soviéticos pela guerra, não só por prolongar, mas por colaborar com as atrocidades cometidas dentro das zonas controladas pela república contra a religião católica e os apoiadores dos nacionalistas. De fato, o anticomunismo seria o principal fator que levaria a formação da Divisão Azul, onde apesar da existência de simpatizantes às idéias do nazismo alemão e do fascismo italiano, a definição típica de um soldado da divisão está em duas palavras: voluntário e anticomunista.³

Em relação a Portugal, após um golpe ocorrido em 1926 que depôs a Primeira República instaurando uma ditadura militar que culminaria na criação do Estado Novo liderado por Antônio de Oliveira Salazar em 1933, houve sim uma reação e um desejo de lutar contra a União Soviética em vários portugueses, mas nada se concretizou oficialmente sobre a formação de uma unidade de voluntários em Portugal. Mesmo assim, houve portugueses que se alistaram na Divisão Azul, sendo veteranos que lutaram ao lado dos nacionalistas na Guerra Civil Espanhola (conhecidos como Viriatos) ou voluntários que buscavam participar da luta contra o comunismo.⁴

Semelhante a Espanha, Portugal também se manteve fora do conflito visando sua própria agenda política, mas que devido ao desenrolar dos eventos somada a sua posição geográfica, acabou que sendo envolvido indiretamente devido às pressões que sofria tanto dos Aliados quanto do Eixo. Através do trabalho de Débora Maria Canhoto *“Imagem e Propaganda em Portugal durante*

³ JURADO, Carlos Caballero. *Foreign Volunteers of the Wehrmacht 1941-45*. Osprey Publishing Ltd, 1983. P. 8.

⁴ Viriatos eram como eram chamados os portugueses que lutaram ao lado dos nacionalistas espanhóis na guerra civil, o apelido era em referência ao líder lusitano Viriato, que lutou contra a invasão romana no século II a.C.

a Segunda Guerra Mundial”, é explicado como que o Reino Unido e a Alemanha faziam uma disputa ideológica através da propaganda de guerra e como que o país interagiu com ambos os lados, mesmo se declarando neutro seguindo ao que foi determinado pelas convenções de Haia:⁵

“A 1 de setembro de 1939, com a invasão da Polónia e início da Segunda Guerra Mundial, Portugal marcou a sua posição ao declarar-se Estado neutro. A situação de Portugal sobressaiu pela sua duplicidade.

Manter a Aliança Luso-Britânica foi uma das razões para ter colaborado com os Aliados. Leva também a cabo manobras diplomáticas com a intenção de evitar a entrada da Espanha na guerra pelo lado do Eixo, situação que poderia resultar num cenário de guerra na Península Ibérica.

Entretanto a balança comercial lucra com a exportação de volfrâmio e outros produtos para os dois lados em conflito. As portas do país abrem-se aos refugiados que trazem riqueza material e intelectual para o país.” (CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P. 28-29)

Tal fato demonstra que, mesmo havendo acordos internacionais em relação à guerra, o fato de um país se declarar neutro não é o bastante para deixá-lo de fora de um conflito, pois se há algo que sabemos sobre a guerra é que ela é injusta e brutal, basta lembrarmos como exemplo a Bélgica que, mesmo não escolhendo um lado nas duas guerras mundiais, foi invadida e ocupada pelos alemães.⁶ Portugal seria obrigado a mediar com os dois lados no intuito de evitar retaliações que possam dar fim ao Estado Novo de Salazar, já que leis relacionadas à guerra e à neutralidade dependiam da vontade dos beligerantes envolvidos de obedecerem ou não.

O trabalho visa compreender não só o posicionamento espanhol e português diante dos beligerantes dando destaque às relações entre os dois e o Eixo que, apesar de compartilharem idéias relacionadas ao nacionalismo e antibolchevismo, é importante saber que o contexto político em Espanha e

⁵ As convenções de Haia que ocorreram em 1899 e em 1907 são uns dos primeiros tratados internacionais sobre as leis e crimes de guerra, onde se havia defendido que um Estado que se considerasse neutro não poderia ceder vantagens territoriais como estabelecimento de bases militares a nenhum dos beligerantes de uma guerra.

⁶ A Bélgica foi invadida em 1914 durante a Primeira Guerra pelo Império Alemão que buscava evitar as fortificações francesas ao longo da fronteira franco-alemã a fim de obter vantagem estratégica sobre a França. A mesma estratégia aconteceria na Segunda Guerra em 1940 durante o blitzkrieg alemão onde as forças do Terceiro Reich contornaram a Linha de Maginot e as forças francesas através do território belga.

Portugal foi diferente. Pretende-se trazer isso em pauta porque hoje em dia a idéia do fascismo é muito referenciada ao nacionalismo, sendo que são coisas diferentes. Espanha e Portugal não deveriam se encaixar no lado fascista para não acabarem presos em generalizações, até porque suas agendas políticas e econômicas não visavam um expansionismo como os fascistas e os nazistas planejavam.

Com o trabalho dividido em três capítulos, busca-se na Divisão Azul não só o estudo dela em si, mas a compreensão das relações políticas entre a península Ibérica e o Eixo, indo desde a Guerra Civil Espanhola e o Estado Novo em Portugal até a Segunda Guerra Mundial onde ambos supostamente permaneceriam neutros. Deve-se compreender o contexto ibérico antes de partir para a Divisão Azul, dando mais ênfase à questão Espanhola por causa da política envolvida entre Franco e o Eixo, mas não deixando Portugal de fora. Foram pesquisadas as fontes em várias línguas, já que cada autor trabalha com um objeto específico seja sobre a divisão ou a situação política dos países ibéricos. No meu caso, quero entender primeiro o posicionamento espanhol e português num momento de crise do liberalismo para entender a história da divisão.

Capítulo I – A instabilidade ibérica e a busca de uma modernidade

Espanha: um liberalismo baseado em tradições e corrupções

As crises políticas não eram novidade na Espanha durante o início XX, de fato, desde a época da Reconquista com a expulsão dos Mouros da península, a religiosidade, a tradição e o conflito são características presentes na história do país. As Guerras Carlistas que ocorreram ao longo do século XIX seriam exemplos da divisão interna, não só baseada na disputa pelo trono e a briga entre liberais e carlistas, mas também da questão do nacionalismo como foi o caso da Catalunha e do País Basco em relação às suas autonomias dentro do país e da idéia de serem nações distintas.⁷

A restauração monárquica dos Bourbon em 1874 e a promulgação da Constituição de 1876 não trariam estabilidade e prosperidade à Espanha, pois tal liberalismo, semelhante ao caso da Rússia czarista, era obscurecido pelo nepotismo da Coroa e a predominância do clero e de grupos oligárquicos. O rei utilizava do parlamento como uma forma de disfarçar o caráter autocrático do governo, já que este podia até mesmo dissolvê-lo e seus membros mais eram mais “amigos” do que parlamentares que discutiam assuntos do governo.

O clero e o exército teriam suas vantagens dentro do governo onde estes eram as principais forças da monarquia. Enquanto a igreja fazia seu papel de guardiã ideológica tendo posse a terras e o controle sobre a educação primária e secundária, o exército fazia seu papel de manter a ordem pública contra qualquer coisa que seja considerada uma ameaça a nação a partir da justificativa constitucional. O país tinha um governo que dependia da fraude eleitoral, onde o *caciquismo* (grandes figuras políticos locais que incluíam agiotas, latifundiários e até mesmo religiosos) garantia e distribuía votos para manipular os resultados das

⁷ O Carlismo foi um movimento de caráter tradicionalista e legitimista que defendiam um ramo alternativo da Casa Real de Bourbon e o retorno ao Antigo Regime. Ocorreram-se três guerras onde os liberais saíram vitoriosos mantendo assim um regime constitucional em vigor, mas ainda assim os carlistas permaneceram ativos e sendo uma das várias facções que lutaram pelo lado nacionalista na guerra civil.

eleições, mantendo assim o chamado *turno pacífico* (rodízio pacífico) onde se revezava o governo.⁸

Presa nessa esfera política decadente, Espanha não atingiria o mesmo patamar de outros países europeus, já que se dependesse das políticas internas, não conseguiria acompanhar as mudanças que ocorriam no exterior. Como é explicado pelo historiador Francisco J. Romero Salvadó em detalhes, a Espanha não conseguiria adquirir uma modernidade enquanto sua política se baseasse em interesses de grupos dominantes, em especial a igreja católica e o exército cuja atuação destes contribuiu para a instabilidade:

“O caciquismo no país e a oligarquia governante em Madri contavam com um ambiente de desenvolvimento econômico lento, pouca consciência política e um atraso cultural generalizado. A permanência dessa situação tornou-se um impedimento para a modernização nacional e teve como conseqüência a dominância incontestável de interesses especiais, assim como uma Espanha social e economicamente fragmentada. Ao deixar a educação, em grande medida, nas mãos da Igreja, o Estado liberal não estruturou um mecanismo nacional que forjasse um sentimento comum de cidadania. O exército também não podia cumprir essa função, pois não gozava do prestígio dos prussianos ou da tradição revolucionária do Exército francês. O imperialismo social – usado com êxito em outros Estados europeus para dissipar a tensão local – não podia ser utilizado na Espanha. O injusto sistema de recrutamento (*quintas*) – em que os ricos podiam pagar para não prestar serviço militar -, o uso freqüente das Forças Armadas para abafar levantes sociais e o massacre de cerca de 60 mil soldados de origem humilde nas desastrosas guerras coloniais dos anos 1890 anularam qualquer sentimento de patriota por parte das classes trabalhadoras.” (SALVADÓ, Francisco J. Romero. A Guerra Civil Espanhola / Francisco J. Romero Salvadó; tradução Barbara Duarte. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 27-28)

Mesmo obtendo um desenvolvimento econômico favorável na virada do século com o desenvolvimento da indústria têxtil na Catalunha e extração de minérios no País Basco e nas Astúrias, principalmente durante sua neutralidade na Primeira Guerra Mundial, o que seria positivo traria mais fatores negativos. A pressa de modernizar a economia resultaria na maior parte das fontes de minérios caindo em mãos de empresas estrangeiras e a transição desigual do feudalismo

⁸ SALVADÓ, Francisco J. Romero. A Guerra Civil Espanhola / Francisco J. Romero Salvadó; tradução Barbara Duarte. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008. P. 27.

para o capitalismo resultado da ausência de uma política agrária fez com que os donos de terras elaborassem regras que os beneficiassem.

O desenvolvimento desigual entre as regiões também resultaria em conflitos sociais, principalmente em relação à desigualdade econômica entre o urbano e o rural. Sem uma legislação social, baixos salários, escassez de alimentos e um sistema fiscal ineficiente, a luta entre classes ficava cada vez mais presente já que o trabalhador era cada vez mais menosprezado. Até então não havia um movimento político que se aproveitasse do descontentamento popular, qualquer motim ou greve se limitava a um local e tratado como questão de ordem pública, mas conforme a economia se modernizava, a mobilização social também crescia, pois diversas consciências políticas começaram a ameaçar a hegemonia presente de elites e *caciques*.

A única coisa que abalaria todo o sistema liberal corrupto espanhol seria o que testou as civilizações ao longo da história: o tempo. No que se diz sobre o tempo ser a causa dos problemas é que a Espanha, no final do século XIX e no início do século XX, estava atrasada economicamente e socialmente em relação às demais nações do continente europeu e mesmo que o país não mude a partir de dentro, o mundo exterior com certeza a mudaria. Os eventos em torno de conflitos e eventos internacionais como a Primeira Grande Guerra e a crise de 29 e a presença socialista, comunista, sindicalista e anarquista crescentes no âmbito social e político somado à ascensão do fascismo italiano e nazismo alemão, fariam com que a velha ordem caísse em questão de anos, dando espaço à violência e perseguição política.

O Trauma do declínio e o aumento do caos

A Espanha já foi uma das maiores potências coloniais da nossa história moderna e contemporânea, porém devido a fatores como a ineficiência no seu aparato burocrático, atraso científico que impactou os seus meios de produção e a ascensão de outras potências coloniais na Europa, o império enfrentaria seu desmembramento ao longo do século XIX. Em 1807 quando estourou a Guerra Peninsular, a Espanha foi ocupada pelas forças francesas lideradas por Napoleão Bonaparte e a queda da metrópole incentivou a luta pela independência em suas

colônias nas Américas onde, após 1825, teria apenas controle sobre Cuba e Puerto Rico.

O que sobrou do império desde aquele momento seria mais tarde alvo das ambições dos Estados Unidos, onde após o incidente do USS Maine no porto de Havana em Cuba em 1898, ocorreria a Guerra Hispano-Americana no qual as forças estadunidenses superaram as espanholas, colocando as colônias de Cuba, Puerto Rico e as Filipinas na Ásia sob controle e influência dos EUA. A derrota causou um grande trauma na população espanhola, pois em uma época do auge do imperialismo onde a possessão de colônias não era só um fator econômico, mas político no sentido de demonstração de força no cenário internacional. A perda dessas colônias (fora a venda das ilhas Marianas e Carolinas para o Império Alemão em 1899) resultou no questionamento se a Espanha seria capaz de se comparar aos seus vizinhos, ou seja, perdeu o seu esplendor imperial se tornando apenas um país europeu periférico.

Considera-se importante relacionar esse declínio imperial da Espanha aos problemas internos porque, baseado em muitos casos que ocorreram e relacionando com outras nações, essa perda de esplendor pode ser algo traumatizante para o ser humano, onde muitos por natureza necessitam de algo para ser orgulhar ou sentir-se com poder. Ao perder o status de potência, a Espanha não teria mais a mesma relevância que antes e isso se pode considerar como um caso em que, não sendo uma nação influente politicamente, economicamente ou militarmente como o Reino Unido, França, Alemanha e os EUA na época, o país seria muito mais suscetível á idéias que exigissem mudanças em toda sua estrutura, principalmente social.

Claro que isso não quer dizer que não havia nenhuma divisão interna ou mobilizações sociais seja em países como Reino Unido e a França, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial que deixou o continente europeu devastado onde o fascismo e comunismo se tornaram idéias que poderiam substituir a ordem vigente de um país.⁹ A questão é que o caso de derrota na Espanha é algo

⁹ Na Grã-Bretanha, podemos citar o caso da Greve Geral de 1926 feita pela Trades Union Congress com objetivo de impedir a redução dos salários e da qualidade dos locais de trabalho dos mineradores de carvão. Na França, a polarização política que era semelhante ao da Espanha onde se tinha disputa entre políticos de esquerda e de direita, fato este que esteve presente durante a guerra civil na Espanha quando o governo, em solidariedade com os republicanos, era acusado pela direita de serem conspiradores e inimigos ao ponto de preferirem Hitler do que o Primeiro-Ministro Blum.

semelhante ao da Alemanha cujo Tratado de Versalhes deixou a maioria do povo alemão ressentido e com ódio, sentimentos esses que seriam explorados pelos nazistas para chegarem ao poder prometendo um futuro melhor e um lugar digno à Alemanha. Pode-se citar o caso da Argentina na Guerra das Malvinas (ou Falklands) quando a Junta Militar ordenou a invasão das ilhas britânicas em 1982. No início, uma breve vitória levantou o ânimo do povo argentino que passava por dificuldades naquele momento, mas a derrota final meses depois resultou na queda da Junta Militar no ano seguinte enquanto que no lado britânico a vitória garantiu a continuação do governo de Margaret Thatcher.

No geral, é importante abordar essa questão do declínio espanhol relacionado à busca de poder humana porque isso fez parte do discurso tanto de nacionalistas espanhóis quanto de outros movimentos no século XX. A vitória ou a derrota em um conflito pode mudar muita coisa, uma vez que se experimenta e vive o poder, é muito difícil para muitos seguir em frente na situação que se passam. A Espanha não teria tão cedo a sua modernidade, porque havia muitas versões da Espanha tanto entre os Nacionalistas quanto entre os republicanos, muitos querendo que o país ou volte a ser o que era ou siga um caminho alternativo.

No início do século XX, a Espanha enfrentaria outras duas guerras coloniais no Marrocos que resultaram em desastres militares iniciais. O mercante evento da Semana Trágica 1909 durante o conflito em Marrocos quando uma série de confrontações entre o exército espanhol e grupos anarquistas, socialistas e republicanos na Catalunha que se opuseram a convocação de reservistas para repor as baixas resultou em uma sangrenta repressão, já fazendo uma previsão do que seria a violência na guerra civil de 1936.¹⁰ A Guerra do Rife de 1921 também teria um desastre inicial quando o país perderá quase todo o território conquistado desde 1909, resultando numa instabilidade do governo de Alfonso XIII e no Golpe Militar de 1923 por Miguel Primo de Rivera.¹¹

A ditadura de Primo de Rivera visava à regeneração nacional vinda de cima que defendesse os valores sagrados da nação (unidade da pátria, da

¹⁰ A Semana Trágica foi um exemplo de mobilização da oposição anarquista e socialista no qual resultou na Greve Geral de 1909 contra as ordens de mobilização do governador Ángel Maura, resultando numa violenta repressão da Guarda Civil e do Exército.

¹¹ Miguel Primo de Rivera foi um militar e ditador espanhol fundador da Unión Patriótica que se inspirava no modelo fascista italiano, mas não tinha o dinamismo e a mesma força de mobilização desta, o que acabou não impedindo a queda do seu governo.

propriedade e da ordem pública) a fim de desfazer os erros cometidos pela administração anterior e reprimir qualquer perigo revolucionário.¹² Apesar de êxitos como a pacificação do Marrocos e o desenvolvimento da infra-estrutura no país, a oposição política, o descontentamento do exército e a depressão econômica mundial forçariam a sua queda em 1930. O rei Alfonso XIII tentou se colocar de novo no centro do poder, mas devido a sua relação anterior com Primo de Rivera (antes favorável e depois contra) e também à rápida modernização da economia do país, a antiga oligarquia além de desmoralizada se tornou um anacronismo naquele momento. O que aconteceu durante os sete anos da ditadura não poderiam simplesmente sumir, sua antiga ordem não conseguirá restaurar o seu governo por conta da sua incompatibilidade com o contexto do início dos anos 30.

A ditadura de Primo de Rivera debilitou os partidos dinásticos devido à atitude desfavorável do regime que os deixou fora de cargos políticos e foram hostilizados pela imprensa. Em contraste, a coligação republicano-socialista foi favorecida pela censura que mobilizou diversos grupos de empresários, intelectuais e liberais a se interessarem pela discussão política a fim questionar o caminho que a Espanha seguia e pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte gerando assim uma cultura de massas. As eleições de 1931 resultaram na vitória dos republicanos a partir da opinião pública, inaugurando assim a Segunda República Espanhola.

Inicialmente a república foi recebida com comemoração, mas a euforia passageira logo daria lugar o que seria o momento de maior violência e fragmentação política. Mesmo com desejo de mudança, a república enfrentava o descontentamento de ambos os lados, tanto do receio da direita quanto do desapontamento da esquerda:

“Nesse contexto internacional de radicalismo político e crise econômica, os novos objetivos modernizadores do regime fomentaram a polarização do país. Apesar do zelo reformista dos novos ministros, a impossibilidade de empréstimos de capital do exterior, acrescida da enorme dívida herdada dos anos de gastos abundantes da ditadura, impedia que o ministério dispusesse de recursos financeiros para viabilizar muitos de seus projetos. Por conseguinte, como as crescentes expectativas de grupos tradicionalmente discriminados não encontravam correspondência na realidade, o desencantamento popular ganhava força. No entanto, ao mesmo tempo, essa mesma legislação era considerada

¹² SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola* / Francisco J. Romero Salvadó; tradução Barbara Duarte. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008. P. 46-47.

intolerável pelas classes ricas, na medida em que, caso totalmente implementada, ameaçava sua hegemonia econômica e social.” (SALVADÓ, Francisco J. Romero. A Guerra Civil Espanhola / Francisco J. Romero Salvadó; tradução Barbara Duarte. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 55)

O fato é que a república não conseguia negociar com os diversos grupos que demandavam diferentes projetos e a violência política só aumentava. No ano seguinte em 1932, o general e monarquista José Sanjurjo realizaria um golpe em Sevilha em resposta às reformas militares e a sua retirada do posto de comando do exército pelo Primeiro-Ministro Manuel Azaña, mas fracassou e acabou exilado em Portugal, só que esse mesmo general seria mais tarde um dos conspiradores de 1936. Nas eleições de 1933, a vitória eleitoral do grupo de direita católico CEDA era contra vários projetos como a reforma agrária e a secularização, visando assim monopolizar o poder dentro do governo.¹³

O resultado das eleições desagradou os comunistas e os anarquistas, sendo que estes últimos inclusive se recusaram a votar deixando a vantagem com a CEDA. Um dos eventos dessa violência por parte da esquerda que ficou conhecido foi a Comuna das Astúrias, onde membros da CNT e da FAI iniciaram uma revolução que foi caracterizada como uma verdadeira guerra civil que incluía a destruição de diversos símbolos religiosos, perseguição e assassinato de empresários, padres e outros considerados ou sendo opositores.¹⁴ A rebelião foi sufocada pelas forças vindas da África do general Francisco Franco, resultando em centenas de mortes e fazendo com que mais tarde, nas eleições de 1936, os anarquistas apoiassem a esquerda a fim de conseguirem anistia, mas tal vitória aumentou a fama de Franco entre a direita e o influenciou na sua decisão de se juntar ao golpe mais tarde.

O ápice da divisão política e social na Espanha viria nas eleições de 1936, a Frente Popular formada por liberais, republicanos, comunistas, socialistas e

¹³ A CEDA (Confederación Española de Derechas Autónomas) foi uma aliança de partidos políticos católicos formada sob liderança de José Maria Gil-Robles. Tendo inspiração no fascismo italiano por seu corporativismo e antibolchevismo, tinha como intuito competir nas eleições de 1933 numa tentativa de impedir a secularização projetada pelo governo republicano. Mais tarde, após ser derrotada nas eleições de 1936, acabaria perdendo popularidade para outros grupos como a Falange Española que absorveu muitos dos militantes da JAP (Juventudes de Acción Popular) e sendo dissolvida em 1937.

¹⁴ CNT (Confederación Nacional Del Trabajo), muitas vezes se referida em junção com a FAI (Federación Anarquista Ibérica) por seus laços com ela, é uma confederação de sindicatos de ideologia anarcosindicalista que está em atuação desde 1910. Sendo grande importância para o anarquismo espanhol, foi responsável pelas greves gerais e também de diversos atos de violência durante diversos governos na Espanha durante o seu auge no início do século XX.

anarquistas disputaria com CEDA a fim de impedir outra vitória desta. O cenário era de uma luta entre aqueles que queriam salvar a Espanha de ser mais uma vítima do Fascismo enquanto outros queriam impedir a destruição dos valores cristãos pela onda revolucionária.¹⁵ Apesar da Frente Popular sair vencedora, a guerra civil era inevitável, a república nunca conseguiu se livrar da força reacionária que prejudicou tanto seus projetos assim como também nunca conseguiu unir aqueles que a apoiaram. O golpe iniciado em 1936 no Marrocos era apenas um início do que seria uma guerra civil não só lembrada pela selvageria e polarização, mas pela dimensão que ganhou dentro e fora do continente. Esse tempo todo em busca de uma modernidade, a Espanha era acompanhada e influenciada pelo mundo ao seu redor, mundo esse que interferiu e mudou o cenário dessa guerra civil.

A busca conturbada da Espanha por uma modernidade incluiu diversos fatores que vão desde a história da nação até um século de grande polarização ideológica. As várias tentativas de mudar o rumo do país sempre foram frustradas seja através da modernização ou da defesa de interesses, pois houveram divisões internas de variados grupos que possuíam seus próprios programas ideológicos, quer dizer, ninguém sabia o que realmente queriam, só sabiam que não desejavam a situação atual. A Guerra Civil Espanhola foi uma luta pela modernidade, um embate entre passado e presente diante do fracasso da política republicana e a oposição nacionalista onde, sendo um ou outro responsável ou não pelo conflito, demonstra que o século XX era um momento de grandes mudanças no cenário a nível tanto nacional quanto internacional e a Espanha tinha que conviver com esse fato.

Portugal: a crise liberal e rumo ao autoritarismo

Por mais que Portugal não vivesse um caos político do nível da Espanha e uma guerra civil sangrenta e internacionalizada, é fato que a história de Portugal tem várias similaridades com a de seu vizinho que vem desde a época da Reconquista. Portugal enfrentou problemas internos tanto políticos quanto sociais

¹⁵ A Frente Popular foi uma aliança de diversos partidos e organizações majoritariamente de esquerda liderada por Manuel Azaña, formada no intuito de vencer a direita liderada pela CEDA nas eleições de 1936. Apesar da vitória, havia muita divisão interna causada por tensões ideológicas entre os partidos e organizações, tendo apenas a luta contra o fascismo como unificador da causa até 1939 quando foi dissolvida após a vitória dos Nacionalistas.

no início do século XX, o embate entre o progresso e a tradição que existia na Espanha também estava presente no que já foi um dos maiores impérios coloniais e marítimos da história moderna. Agora na era contemporânea, Portugal tentava buscar seu caminho diante de um mundo em constante mudança e vivenciando eventos internos e externos que o afetavam de uma forma ou outra.

O ultimato britânico de 1890 contra o mapa cor-de-rosa colocaria em xeque a monarquia constitucional diante da demonstração de fraqueza em defender os interesses nacionais e diversos fatores como o atraso econômico em relação às outras nações européias, divisões internas e falta de representatividade do governo pioravam a situação. Os problemas acabariam fortalecendo ainda mais a causa republicana que viria a abolir a monarquia na revolução de 5 de outubro de 1910, tal ascensão de uma república faria com que Portugal entrasse em uma nova fase.¹⁶

A Primeira República Portuguesa proclamada através de um golpe organizado pelo Partido Republicano Português foi uma tentativa de recomeçar sob um novo regime de caráter liberal, mas que fracassou devido à instabilidade do regime que vinha de problemas relacionados à corrupção, economia, política e insubordinação militar. O regime republicano não conseguiu resolver os problemas herdados pela monarquia frente a um tradicionalismo que antagonizava o individualismo e o progressismo liberal:

“Segundo António Manuel Hespanha, no século XVIII, o individualismo propôs uma imagem de sociedade centrada no homem, sendo que seus objetivos nada mais eram que a "soma dos fins de seus membros e a utilidade geral confundia-se com a que resultava da somadas utilidades de cada indivíduo". Ao contrário, o pensamento social medieval concebia o primado do "corpo", ao qual estaria integrado, de forma submisso, o indivíduo. Ressalta também o autor o papel que a religião desempenhou junto ao pensamento político medieval ancorado na idéia de cosmos, orientando todos os homens para um objetivo único, identificado com o criador. E foi exatamente esta tradição católica e coletivista a mola mestra que mobilizou parte da intelectualidade portuguesa nas primeiras décadas do século XX.” (TORRES, Jorge Mano. *Corporativismo e*

¹⁶ O mapa cor-de-rosa era uma idéia portuguesa de ligar e consolidar seus territórios de Angola e Moçambique através da extensão sobre os territórios que hoje correspondem a Zâmbia, Zimbábue e Malauí, mas que entrou em choque com os interesses britânicos que visavam ligar a Cidade do Cabo a Cairo que resultou no ultimato de 1890 no qual Portugal cedeu, resultando num sério dano à sua imagem.

Fascismo em Portugal. O Instituto Nacional do Trabalho e Previdência. Instituto de História Contemporânea, FCSH/NOVA. P.13)

Seguindo essa idéia do autor Jorge Mano Torres, Portugal havia abandonado suas raízes com a república e cabia a oposição de “resgatar” a história de Portugal que ia desde figuras como Nuno Álvares Pereira até D. Miguel, no sentido de que o futuro do país estava em seu passado e que o novo proposto pelo liberalismo não engrenava na realidade do país na época.¹⁷ No geral, defendia-se a idéia de que o país deveria buscar sua modernidade em seu passado, enaltecendo seu pequeno mundo a partir do ambiente rural e da fé católica. Pode-se considerar a reação da oposição como uma tentativa de evitar a todo custo às tensões sociais que ocorriam no mundo liberal com a crescente industrialização e extensão da representatividade, que poderiam ser considerados elementos que desestabilizam qualquer sociedade para os que defendiam essa linha de pensamento.

Entre as diversas tentativas de grupos de derrubar o governo republicano, muitos eram de caráter autoritário embora não tivessem a idéia da natureza do novo governo que proclamariam. Um episódio que ficaria conhecido por influenciar vários desses movimentos pró-autoritarismo e até mesmo um rascunho do que seria o Estado Novo em vários aspectos foi o golpe liderado por Sidónio Pais em Dezembro de 1917.¹⁸

Apesar da curta vida que o regime teve com o assassinato de Sidónio no ano seguinte, o momento que ficaria conhecido como sidonismo seria uma referência e base para um modelo corporativista a ser seguido pela oposição antidemocrática e até mesmo influenciando o que seria o fascismo futuramente e outros governos autoritários na Europa e nas Américas. Sobre a forma de governar, para Sidónio Pais, o tipo de governo não teria importância e sim sua

¹⁷ Nuno Álvares Pereira foi um nobre e general português que lutou contra as forças de Castela na crise dinástica de 1383-1385 e garantiu a independência portuguesa após derrotar as forças invasoras e Dom Miguel I de Bragança foi um monarca absolutista que tentou usurpar o trono da sua sobrinha Maria da Glória no episódio que ficou conhecido como as Guerras Liberais no qual foi derrotado e exilado. Ambas as figuras representavam a idéia na época de uma regeneração nacional através do passado que exalta o mundo português e a oposição ao liberalismo.

¹⁸ Major de Artilharia e professor de cálculo integral e diferencial da Universidade de Coimbra, Sidónio Pais (1872-1918) sempre esteve em oposição ao liberalismo e à democracia parlamentar em Portugal. Responsável pelo golpe de Estado de 1917, governou Portugal sob um regime de ditadura militar por um ano, até que, em dezembro de 1918, um militante da maçonaria o assassinou com um tiro na estação de Comboios do Rossio. TORRES, Jorge Mano. *Corporativismo e Fascismo em Portugal.* O Instituto Nacional do Trabalho e Previdência. Instituto de História Contemporânea, FCSH/NOVA. P.16

ação diante dos interesses da nação seguindo idéias como: o Estado e o exército são as únicas autoridades legítimas, os problemas da nação são internos e não externos e que as velhas tradições são importantes para o futuro da sociedade.

Além de o sidonismo influenciar principalmente militares onde as escolas destes seriam pontos de desenvolvimento de um determinado pensamento autoritário, vale-se destacar duas outras forças que é a Igreja Católica e o fascismo que reagiram aos tempos e à república de diferentes formas. A religião católica, no geral, tinha forte presença em Portugal desde os tempos medievais e que diante da secularização da república por conta das idéias liberais, influenciava através de seu próprio pensamento social, tanto baseada na Encíclica Rerum Novarum quanto no sindicalismo católico.¹⁹

No mesmo ano do assassinato de Sidónio, seria fundada a Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira, onde era utilizado o general português do século XIV como símbolo de nostalgia e fé católica composta tanto por monarquistas e republicanos de caráter nacionalista e conservador. Tal movimento contribuiu com o seu simbolismo e ideologia para a formação tanto da Ditadura Militar quanto do Estado Novo, principalmente por conta da idéia de uma alternativa portuguesa que visava um caráter próprio de governo em diferenciação aos demais regimes da época, mostrando como a fé católica ainda tinha forte presença no âmbito político, econômico e social do país.

Sobre o fascismo, a figura de Francisco de Barcelos Rolão Preto é lembrada não só por ser um dos fundadores do Integralismo Lusitano e dos Nacional-Sindicalistas como também foi responsável por tentar trazer as idéias de mobilização e revolução do fascismo italiano para Portugal. Mesmo tendo se inspirado no fascismo italiano, Rolão Preto se distanciava do que aconteceu na Itália através do discurso do interesse nacional semelhante ao do sidonismo e da defesa dos valores cristãos.

O movimento em si era mais de direita do que essencialmente fascista já que os acontecimentos na Alemanha e na Itália eram totalmente diferentes do contexto português, sobretudo em relação à religião católica. Por conta da divisão

¹⁹ A Encíclica Rerum Novarum: sobre a condição dos operários foi escrita pelo Papa Leão XIII no intuito tratar sobre as condições das classes trabalhadoras ao mesmo tempo em que apoiava o direito do trabalhador formar sindicatos. Se opondo ao socialismo e capitalismo, defendia a propriedade privada e enaltecia os princípios éticos e morais numa sociedade cada vez mais laicizada.

interna (sobretudo de monarquistas que integravam) e a repressão do Estado Novo diante de um partido que não integrava o governo, Rolão Preto acabou que cortando relações com os grupos e sendo exilado duas vezes na Espanha. No geral, o fascismo de Rolão Preto não passou de um movimento nacionalista e católico, não tendo uma participação tão crucial no contexto político português, sobretudo no Estado Novo com sua censura e controle em vigor.

Diante da crescente desestabilização do regime liberal após a Primeira Guerra Mundial com revoltas internas, a Primeira República teria seu fim em 1926. Outro golpe militar liderado pelo general Gomes da Costa instaurou uma ditadura militar que durou até 1933 quando a transição de governo para o que foi denominado como Estado Novo foi finalizada tendo o ministro das finanças Antônio de Oliveira Salazar como chefe de governo.

A instabilidade da Primeira República, semelhante ao caso Espanhol tanto na monarquia liberal quanto na Segunda República na Espanha, se deu pelo fato de que Portugal não estava inserido nesse novo liberalismo nas esferas política, econômica e social, porque o seu contexto nessas áreas não correspondia com os planos de modernidade que tal regime tentou implantar. Os diversos grupos que se opuseram a república também teriam que decidir o tipo de modernidade que Portugal iria adotar, onde mesmo optando pelo progresso, não se apagaria o passado e as tradições que esta carrega a fim de seguir um caminho que finalmente trouxesse a estabilidade após anos de conflitos e divisões internas.

O Estado Novo: corporativismo e uma solução portuguesa

O nome dado ao regime que pôs fim ao período liberal servia para simbolizar seja uma espécie de recomeço ou a inauguração de um novo período político em Portugal. Tendo como principal característica o modelo corporativista, o Estado buscava atingir o objetivo de equilíbrio e harmonia social no país, sendo este responsável pela função de regulamentar e controlar a vida econômica e social através da idéia de ser um conjunto coeso e organizado.

O novo governo visava atender as necessidades da sociedade portuguesa através da formação de diversos organismos que visassem a manutenção da harmonia social no Estado:

“Era assim defendida uma lógica de organização econômica e social que privilegiava o interesse geral, através da harmonia entre os vários intervenientes do

mercado, controlado pelo próprio Estado. As corporações e os grêmios controlavam as decisões económicas nacionais (fixação de preços, entrada de novas empresas no mercado, regulação das condições de trabalho, etc.), possuindo “capacidade e garantias de representatividade nacional e sectorial das actividades económicas”. O Estado (através do corporativismo) sobrepunha-se ao individuo, que se submetia aos desígnios da nação, deixando de existir livre concorrência em prol dos ideais de cooperação e solidariedade, e subjugando a luta de classes. O modelo corporativo impunha um sistema de valores que interferia no modo de organização da vida económica e, mais do que sistema, era organização. Tendo sido à partida definido como instrumento de prevenção da conflitualidade social, jamais essa posição vem a ser corrigida. Tratava-se de uma forma de disciplinar capital e trabalho, subjugando os interesses económicos aos interesses nacionais, convertendo-se num poderoso instrumento do Estado sobre a sociedade.” (TORRES, Jorge Mano. *Corporativismo e Fascismo em Portugal. O Instituto Nacional do Trabalho e Previdência*. Instituto de História Contemporânea, FCSH/NOVA. P. 2)

Tais organismos como as casas do povo e dos pescadores, grêmios e outras instituições eram voltadas não só para a representação e concretização dos interesses de determinado grupo como também servia para supervisionar as atividades destes. Basicamente, tudo estava sob vigilância do regime a fim de evitar qualquer oposição ou conflito que afetasse a proposta do governo.

A política do Estado Novo também se baseava num antiliberalismo que não só apagava qualquer resquício da antiga república como a instituição do sistema de partido único. A União Nacional era monopolizadora da política, tornando outros grupos ilegais ou integrando-os ao novo partido como aconteceu com os integralistas e os nacional-sindicalistas. O aparato estatal dependia da propaganda que transmitia a mensagem seja de um culto ao chefe Salazar, à tradição religiosa católica e promoção da cultura portuguesa no intuito do Estado manter tal “pequeno mundo” português protegido do internacionalismo liberal ou socialista, ou seja, constituir um estado português para portugueses.

Em relação ao culto a Salazar, pode-se considerar o que Antonio Ferro, responsável pela política cultura do Estado Novo e tendo dirigido o Secretariado da Propaganda Nacional, pensava em relação ao regime quando comparado ao fascismo italiano:

“Em todas as entrevistas, a intenção de Ferro era apontar para necessidade de um líder com as mesmas características que as de Mussolini: chefe severo, lacônico e

autoritário, com perfil dominador e firme. Entretanto, estava convicto de que faltavam características condizentes com a alma portuguesa. Benito Mussolini, apesar de incontestáveis qualidades, era por demais falante, de expressões exageradas. Além disso, o caráter de mobilização do "de baixo" apregoado pelo fascismo causava estranheza. A alma portuguesa se encarnaria, enfim, em Salazar. Em longa entrevista com o ditador português, publicada como propaganda do regime, afirmou: "Aqui não há uma Ditadura, uma situação: há um ditador de si próprio, o grande chefe moral de uma nação! E agora que já o ouvimos, vamos cada qual para a nossa vida... Não façamos barulho... Deixemo-lo trabalhar." (MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. O Pensamento Autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. UERJ. CNPQ. P. 20)

O jornalista buscava diferenciar a agenda revolucionária do Duce da agenda de Salazar a fim de justificar a autoridade e expor a idéia de que o chefe português está realizando o seu trabalho para um bem comum e manutenção das tradições, servido como um exemplo moral e não ideológico.

A cultura e a religião eram fatores cruciais para a propaganda do regime onde a história do país seria o que define a sua modernidade, ou seja, o fator nostalgia que uniria o povo e definiria seu rumo. Era importante conservar a idéia de uma sociedade livre do conflito social através da promoção da arte, do cinema e dos hábitos que transmitissem positivamente o regime, a religião e a família portuguesa, deixando quaisquer iniciativas de opositores silenciados ou limitados. A religião em si ainda estava fortemente presente apesar da tentativa de laicização da Primeira República, sendo instituído novamente o ensino religioso na educação e influenciando grupos como a Mocidade Portuguesa (MP) e a Legião Portuguesa (LP). Diferente dos seus semelhantes fascistas, a MP foi enquadrada pela igreja por ser mais voltada à educação de jovens enquanto a LP focava no anticomunismo devido à guerra civil na Espanha, temendo o terror vermelho diante da perseguição de religiosos na zona de controle republicana. Não é surpresa que quase todos do governo, inclusive Salazar, eram seguidores e defensores da religião católica, sendo uma opositora da república liberal até a institucionalização do Estado Novo.

A natureza do Estado Novo, apesar da sua proposta inicial, foi mudando ao longo dos anos por motivos que incluíam reformas ou transições entre instituições, reformas graduais, falta de recursos para determinada demanda ou mudanças nas suas políticas no exterior. Em geral, Portugal tentou buscar uma

solução “tipicamente portuguesa”, sendo assim qualquer discurso que tende a denominá-lo fascista incorreto. Apesar do que aconteceu na Itália ter sido referência para certas características, o país tinha sua própria ideologia e suas agendas, não tendo como foco em mobilizar as massas e de ter grandes pretensões no cenário internacional. O foco do regime foi colocar o tradicional no lugar do moderno, tanto nas estruturas econômicas quanto na ideologia. Durante todo o período desse corporativismo, Salazar soube de forma pragmática combinar e equilibrar essas forças, não que fosse livre de crises, mas que procurou a modernidade portuguesa e entendê-la como uma construção do passado.²⁰

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939): o intervencionismo e a “amizade” do Eixo

Ambos os lados em algum momento consideraram a duração curta da insurreição militar. Parte dos republicanos achará que sem um meio de trazer as tropas rebeldes da África para o continente, os insurgentes não seriam capazes de realizar avanços significativos para derrubar o governo. No outro lado, os nacionalistas pensavam que pelo seu profissionalismo, seriam capazes de derrotar as forças mal equipadas, menos treinadas e menos coesas do governo republicano. Ambas as deduções estariam erradas, pois a interferência externa que haveria nos dois lados prolongaria o conflito.

A república inicialmente receberia apoio de seu governo irmão francês que teria sido crucial por se tratar de um o país vizinho, mas a Grã-Bretanha, com receio de um governo de tendências revolucionárias e possivelmente pró-soviético, preferiram dar apoio ao rebeldes liderados por Franco. A interferência diplomática britânica foi um dos fatores que condenaram a república, pois fora os interesses econômicos envolvidos na Espanha que poderiam ser confiscados pela República, os círculos de conservadores temiam um regime que se inclinasse para os interesses soviéticos.

O sentimento antibolchevista estava presente entre os britânicos que não queriam ter que recorrer à Alemanha e a Itália em um futuro conflito com a Espanha e a França por conta de uma possível ameaça vermelha, pressionando a última a cessar os esforços de socorrer os republicanos a fim de não prejudicar a

²⁰ MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. O Pensamento Autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. UERJ. CNPQ. P. 27

aliança entre os dois países. Um país que futuramente lutaria contra o fascismo e o nazismo na Segunda Guerra Mundial apoiou um regime que se inclinava a estes não por motivos de legitimidade. Na época, os britânicos além de terem seus interesses econômicos envolvidos, evitavam a todo custo o avanço do bolchevismo, principalmente por causa da influência da União Soviética que seria sua futura aliada contra o Eixo, mesmo que temporário.

Fora a Grã-Bretanha dando apoio indireto aos nacionalistas, Portugal de Antônio de Oliveira Salazar declarou apoio ao golpe militar. O território português não só serviu de base para Sanjurjo e outros milhares de monarquistas realizarem planos para a conspiração como também serviu de ligação para os territórios sob controle nacionalista e canal para onde passaria a ajuda externa destinada a estes.²¹ Também foi realizado o recrutamento de voluntários portugueses conhecidos como *viriatos* para servirem nas forças nacionalistas, mas diferente dos alemães e dos italianos, esses voluntários não se tratavam de um corpo autônomo, sendo mais como uma espécie de auxiliares. Tendo o mesmo receio que os britânicos sobre uma vitória comunista, Salazar serviu de porta voz no cenário internacional pelos nacionalistas, servindo não só como um recurso moralizante como também uma forma de legitimação do golpe.

Apesar de todo o apoio dos portugueses no conflito, este seria mínimo, pois os nacionalistas alcançariam a vitória em 1939 graças aos esforços dos alemães e dos italianos no que seria uma disputa ideológica contra o comunismo e ao mesmo tempo uma maneira de alcançarem suas ambições no cenário europeu. Deve-se ressaltar que inicialmente nem a Alemanha e nem a Itália desejavam iniciar qualquer envolvimento no conflito seja por falta de interesse ou de quererem evitar complicações diplomáticas já que nenhum dos dois se considerava pronto para um conflito aberto na Europa. Foi a partir de vários fatores que convenceriam os dois a apoiar a causa de Franco, seja a insistência da delegação nacionalista de buscar ajuda dos dois países ou da cruzada ideológica contra o comunismo. De fato, o que motivaria os dois a se engajarem de vez na guerra civil seria a falsidade do Acordo de Não-Intervenção realizada em 1936 em

²¹ SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola* / Francisco J. Romero Salvadó; tradução Barbara Duarte. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008. P. 100.

Londres, percebendo que não haveria retaliações pelo envolvimento por parte da França ou do Reino Unido.²²

Inicialmente a Alemanha recusou qualquer pedido de ajuda dos nacionalistas e não cogitava envolver-se no conflito. O Terceiro Reich não tinha grandes interesses econômicos e políticos envolvidos, pois os alemães estavam focados no leste europeu visando recuperar territórios perdidos pelo Tratado de Versalhes e também queriam evitar qualquer ira do cenário internacional. Foi a partir da iniciativa do alemão Johannes Bernhardt, membro da Auslandorganisation (AO), que ofereceu seus serviços ao Franco no qual ele tentaria apelar diretamente à Hitler para ajudar a causa nacionalista.²³ Em um processo que envolveu sorte e perspicácia, Hitler foi convencido e já providenciou a ponte aérea necessária para levar as tropas nacionalistas da África para a Península (Operação Fogo Mágico) e o envio de material bélico que seria entregue a aprovada por Salazar em Portugal.

Os alemães no início do conflito acreditavam em uma vitória rápida dos rebeldes a fim de evitar que se deflagra-se em outros por conta da sua interferência. Visando não somente estabelecer um regime amigável a suas ambições, mas também ter acesso a matérias primas para seu rearmamento, usar a guerra civil como um palco de testes de sua máquina de guerra e de testar a tolerância aliada diante de suas ações visando seus objetivos expansionistas no leste europeu. Percebendo a ambigüidade da *NIC* e o crescente apoio soviético aos republicanos, Hitler se engajaria de vez na guerra civil ao aumentar seu apoio com mais voluntários, armamento pesado e apoio aéreo, formando assim a unidade alemã conhecida como Legião Condor.

A unidade de voluntários alemães foi importante não só para a vitória nacionalista como também serviu como um laboratório de guerra para testes e treinamento seja de oficiais ou de táticas. Foi a Guerra Civil Espanhola que

²² O Acordo de Não-Intervenção (*NIC*) foi pacto realizado para impedir a internacionalização da guerra civil na Espanha. Apesar da premissa, o acordo nada mais foi que uma fachada diplomática cujo intuito por parte dos britânicos era de isolar os republicanos espanhóis de ajuda internacional antecipando assim a sua queda. Após os nacionalistas falharem em tomar Madri, os governos fascistas se aproveitaram da impunidade dos britânicos e da paralisia francesa para se engajarem de vez no conflito assim como a União Soviética tentará fazer.

²³ Auslandorganisation foi um ramo do Partido Nazista que era encarregado de representar a ideologia nazista e seus interesses no exterior. Era semelhante à *Comintern* só que imitada apenas a cidadãos do Reich, pessoas de ascendência alemã com a nacionalidade de outro país não podiam se juntar, mas a organização se encarregava da propaganda e treinamento ideológico de partidos que seguissem os ideais nazistas.

destacou a tática de armas combinadas usada durante o conflito, mais tarde essa tática seria um dos principais fundamentos do exército alemão e principal fator para o rápido avanço do Reich no ocidente europeu no início da Segunda Guerra Mundial.²⁴ Diferente dos voluntários italianos, a Legião Condor seria mais a lembrada e homenageada, tendo inclusive uma Rua em León com seu nome, mas toda relação entre os nacionalistas e alemães viria com as interações entre Franco e Hitler e o avanço constante do Reich na Segunda Guerra Mundial no qual o caudilho visava tirar vantagem e até mesmo se juntar ao Eixo.

A Itália de Mussolini desde a *sanjurjada* já mantinha contatos com insurgentes e até mesmo financiando organizações como a Falange de José Antônio Primo de Rivera, mas que no início do golpe não tinham mais interesse nas questões espanholas. Depois dos gastos realizados na guerra colonial contra o Império Etíope e seu isolamento diplomático, a Itália não se via participando de outro empreendimento a fim de evitar uma guerra aberta, pois diferente dos alemães, a Itália de Mussolini estava atrás no quesito de indústria e armamento em comparação a França e Grã-Bretanha. Foi através de muita insistência que conseguiram chamar atenção do *Duce*, fora seu ego de receber tantos pedidos de ajuda, a hostilidade do governo britânico aos republicanos e a divisão interna francesa diante do conflito o fizeram crer que não teriam problemas ao apoiar a causa insurgente, contando também com o interesse já percebido da União Soviética no conflito.

Foi na ajuda italiana que ficou escancarada a falsidade da *NIA* em relação à interferência estrangeira na Espanha quando um avião caiu em mar e outros dois pousaram em território francês na África e os franceses demandaram uma investigação e caminho livre para ajudar a república espanhola. Obviamente, a *NIA* desde início nada mais era que um disfarce da Grã-Bretanha para esconder qualquer polêmica e dar apoio ao regime que mais lhe agradasse:

“A flagrante ineficiência do *NIA* era, em grande medida, consequência de ele ser na realidade uma trapaça, um instrumento da diplomacia britânica cujos objetivos não eram os retratados pela propaganda oficial, isto é, a prevenção da participação estrangeira

²⁴ Armas combinadas é o termo dado ao uso em conjunto em operações militares de diferentes tipos de unidades ao mesmo tempo compensando as desvantagens de cada um e obtendo resultados melhores do que teriam agindo por si só. No caso alemão na Segunda Guerra Mundial, a *blitzkrieg* seria caracterizada pela combinação de várias forças como blindados, infantaria, infantaria mecanizada, artilharia e força aérea sendo coordenados pelo rádio, ou seja, cada um trabalhando pela vantagem do outro a fim de suprir qualquer situação de desvantagem.

na guerra. Na verdade, baseado em uma suposição inicial de que o conflito seria breve, o Acordo de Não-Intervenção era o instrumento ideal para ganhar tempo de modo a assegurar o fim da República. À proporção que o conflito se arrastava, o NIA continuava a funcionar para garantir o confinamento da disputa espanhola, mas, ao mesmo tempo, formalizava a anomalia legal de colocar em condição de igualdade um governo eleito democraticamente e um golpe militar rebelde. Impedia os franceses de ajudar a Frente Popular pronta a atacar, evitando o que o subsecretário no Ministério das Relações Exteriores, sir Orme Garton Sargent, observou: “Por bem ou por mal a França se tornaria bolchevique sob a influência da Guerra Civil Espanhola”. Isso eliminou um possível confronto com as potências fascistas e o pesadelo (para muitos conservadores) da Grã-Bretanha de ter de se aliar à União Soviética. Finalmente, o NIA era a fachada perfeita para esconder a hostilidade com relação à República, mantendo uma aparência de neutralidade impecável diante da opinião pública nacional.” (SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola* / Francisco J. Romero Salvadó; tradução Barbara Duarte. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008. P. 108-109.)

Semelhante aos alemães, Mussolini aumentaria ainda mais a sua aposta na vitória nacionalista ao pactuar com eles na sua causa em comum contra o comunismo e colaboração dos interesses italianos no mediterrâneo. Querendo garantir uma vitória rápida antes que haja alguma seriedade imposta pela NIA, foi aumentada ainda mais a quantidade de voluntários, equipamento e veículos formando assim a *Corpo Truppe Volontarie* que contou com mais de setenta mil soldados até o final do conflito. Tal ato criou receio em Franco no qual, apesar de qualquer ajuda ser bem vinda, tinha que se contentar com a autonomia das tropas italianas que tinha seus próprios comandantes. Ver os italianos assumindo a frente poderia ofuscar a causa nacionalista que, apesar de simpatizados com os certos ideais fascistas, queriam fazer o máximo possível para se diferenciarem de seus “amigos”, provavelmente visando uma agenda mais espanhola por assim dizer.²⁵

Apesar do grande investimento, a CTV não teria o mesmo reconhecimento e lucro como a Legião Condor, inclusive na hora de partir foi deixando um grande numero de equipamento e veículos para trás que, apesar de maior parte ser ultrapassado, foi um desperdício e custou muito caro para manter as tropas na guerra. A Itália não tinha a mesma disponibilidade financeira e industrial que a

²⁵ Essa situação mudaria quando um grupo de brigadistas italianos do lado republicano entrou em choque com a CTV que já estava desmoralizada após o fracasso da ofensiva para tomar Madri. Preocupado com a reputação, Mussolini aceitou a possibilidade de uma guerra prolongada e deixou Franco liderar as tropas.

Alemanha, tal gasto limitou muito sua capacidade na Segunda Guerra Mundial, sendo até mesmo um fator que contribuiu para sua queda em 1943.

A Guerra Civil Espanhola serviu de palco para uma disputa ideológica e ao mesmo tempo uma área de testes para um futuro conflito, tanto militarmente quanto diplomaticamente. De fato, a justificativa da luta contra o comunismo serviu como uma fachada seguindo à idéia da *NIA*, um lado era considerado a melhor opção para o continente europeu não mergulhar em um conflito generalizado quando de fato a guerra civil e a interferência estrangeira só aumentaram essa possibilidade. O medo de uma possível expansão vermelha era uma ameaça para as agendas não só do Eixo, mas de outros países como foi o caso da Grã-Bretanha e Portugal.

Os nacionalistas alcançaram a vitória em 1939, não só a ajuda alemã e italiana aos seus esforços de guerra e a jogada diplomática britânica á seu favor contribuíram para sua vitória a ineficiência da Segunda República também. Enquanto que o lado nacionalista tinha o comando mais unificado e colaborador sob a liderança de Franco no qual compartilhavam as idéias como as de nação, religião e anticomunismo, o lado republicano sofria com uma falta de coesão onde diferentes grupos lutavam entre si pelas suas agendas políticas e revoluções, não conseguindo botar suas diferenças de lado para tomar decisões. O comando e as tropas nacionalistas eram mais profissionais e experientes que a dos republicanos que tinham desarticulado o exército inicialmente e se segurado muito nas milícias e voluntários que, mesmo que haja experiência entre eles, a falta de equipamento prejudicou muito a máquina de guerra republicana que já não conseguia acordos vantajosos ou confiáveis para comprar armas devido à sua barreira diplomática imposta pela *NIA*.

Nessa história da interferência externa, a realidade em relação ao pensamento humano era de que nada foi feito visando o bem. Nenhum dos lados da guerra pode-se considerar uma boa causa, principalmente por conta dos crimes e atrocidades que foram cometidas em ambos os lados e os interesses políticos e econômicos dos países que interferiram de uma forma ou outra no conflito. Sobre o assunto da reciprocidade entre a Espanha e o Eixo, essa idéia se aplica da mesma forma, porque tanto Hitler quanto Mussolini viam a península Ibérica por outros olhos, pois não visavam uma amizade fraterna e sim uma amizade útil,

querendo apenas um estado alienado a eles para que possam cumprir com seus desejos de expansão seja de território ou de influencia.

A Espanha não entraria na Segunda Guerra Mundial por causa da sagacidade de Franco, uma série de fatores que vão desde a realidade da devastação pós-guerra civil ao pensamento de Hitler de que a Espanha não seria um aliado valioso no contexto onde o Eixo só tinha praticamente a Alemanha tomando a frente impediram a Espanha de entrar no conflito. De fato, não havia uma amizade que não fosse pela ambição e idéias compartilhadas, ambos tinham planos que visavam engrandecer o prestígio e poder do país e um inimigo em comum.

A Divisão Azul teria sua origem em todo esse contexto ibérico, pois mesmo com o término da guerra e vitória conquistada, as cicatrizes deixadas não sumiriam e a guerra não sairia da mente das pessoas, principalmente dos veteranos que mais tarde se voluntariam. Não só existia uma reciprocidade com os alemães como também um ressentimento com a interferência soviética que apoiou os republicanos. Para muitos nacionalistas, o comunismo e a União Soviética seriam os culpados do conflito e de sua duração, tendo muitos desejando arrancar o mal pela raiz quando se teve início a invasão alemã em 1941 e a confiança numa vitória do Eixo.

Capítulo II – As relações e interações entre a Península Ibérica e o Eixo

Espanha: uma amizade baseada em oportunismo e a fachada da neutralidade

A vitória dos nacionalistas na Guerra Civil Espanhola em 1939 sob a liderança de Francisco Franco inaugurou um novo regime ditatorial que perdurou até a morte do *Caudillo* em 1975, tal período de governo foi possível devido à ajuda crucial que o lado nacionalista recebeu da Alemanha e da Itália. No que parecia ser uma amizade por conta de um sentimento de gratidão, ao longo do tempo seria uma conturbada e complexa relação, principalmente nos assuntos particulares entre Franco e Hitler.

O envolvimento alemão e italiano durante a guerra civil não foi uma solidariedade. Além de ambos serem convencidos pela diplomacia dos rebeldes, enxergaram uma oportunidade de colocarem o equilíbrio de forças do continente europeu a favor deles e usar o conflito como palco de testes tanto militar quanto diplomático. Utilizando a questão ideológica como exemplo, Hitler e Mussolini não viam nos espanhóis nacionalistas um possível regime de caráter revolucionário. Os dois ditadores resumiam os nacionalistas em meros militaristas não sendo diferentes de outros regimes autoritários na Europa, ou seja, se diferenciavam em muitos aspectos e mais se utilizava do sentimento de um inimigo em comum que de uma causa a ser seguida.

Um fato é que antes do início da guerra civil em 1936, a Espanha já interagira indiretamente com os acontecimentos na Alemanha e na Itália, em específico a ascensão do fascismo e do nacional-socialismo onde diversos grupos tentaram absorver as idéias e tentar adaptá-las ao contexto espanhol. A ideologia de Mussolini já tinha influenciado muitos ao redor do mundo por ser o primeiro movimento desse tipo a ter êxito.

Na Espanha teve-se o surgimento da Falange Española e da JONS (mais tarde unificadas como FET Y de la JONS por Franco em 1937 a partir do Decreto de Unificação) onde ambos os grupos tinham preferência por Roma e não Berlim inicialmente, onde os alemães mais monitoravam do que interagiam:²⁶

“Os grupos fascistas espanhóis, tanto a JONS como a Falange e também a unificada FE-JONS desde fevereiro de 1934, se desenvolveram sem grandes ajudas externas. Quando recorreram a financiamento externo, como foi o caso da Falange entre 1935 e 1936, sempre se dirigiram a Roma, onde encontraram certa receptividade, não em Berlim. Certamente, no periódico de *Informaciones*, subsidiado pela diplomacia nazista desde 1934 em que se difundiam artigos anti-semitas e de propaganda nazista elaborados na Alemanha, apareciam como redatores alguns falangistas, como o poeta Frederico de Urrutia. Além do mais, os consulados alemães repartiram a propaganda nacional-socialista em espanhol para os grupos da JONS e da Falange desde meados de 1933, no geral através de intermediários. Contudo, a embaixada alemã em Madri apenas mantinha contatos diretos com os fascistas espanhóis, a quem considerava excessivamente influídos pela origem aristocrática de seus líderes. Sua equipe não estava atualizada da conspiração anti-republicana nos meses anteriores a Julho de 1936; pelo contrário, seus relatórios alertavam para a possível tomada violenta do poder pelos “bolcheviques”. Por sua vez, os golpistas preferiram buscar apoio de Mussolini, de quem obtiveram dinheiro, armas e treinamento militar.” (SEIXAS, José M. Núñez. *Falangismo, nacionalismo y el mito de Hitler em España (1931-1945)*. Universidad Ludwig-Maximilian. Múnic, 2015. P.23-24, Tradução nossa)

Essa preferência pelos italianos só terminaria a partir do momento em que Alemanha se tornasse o assunto no momento, principalmente com o envolvimento alemão na guerra civil a favor do lado nacionalista. Fora o sentimento de gratidão pela ajuda contra os republicanos, a imagem de Hitler como um líder carismático e responsável pela regeneração de uma Alemanha destruída e humilhada pela Primeira Guerra somada à superioridade inicial contra os aliados e os soviéticos, fizeram com a germanofilia crescesse entre os espanhóis.²⁷

Por muitos anos, houveram-se diversos discursos a favor do Terceiro Reich e à Hitler, inclusive era comum a embaixada alemã receber diversas cartas de apoio. O Führer até mesmo foi considerado como um santo quando se ocorreu

²⁶ O Decreto de Unificação (1937) foi uma medida política adotada por Franco enquanto chefe de Estado dos nacionalistas que tornava a FET-JONS o único partido legal da Espanha, servindo como base para um novo regime totalitário a fim de evitar divisões políticas internas.

²⁷ Germanofilia é um termo designado a todo pensamento, simpatia ou sentimento favorável à Alemanha, seja através de semelhanças ideológicas ou de propagandas.

à invasão da União Soviética em 1941, naquele momento a Alemanha era vista como uma espécie de intervenção divina que colocaria um fim ao bolchevismo e traria ordem e paz ao continente europeu. A embaixada respondeu a quase todas as cartas individualmente, quando os remetentes desejavam um retrato assinado de Hitler, o pedido era transmitido à Chancelaria do Reich, entre os remetentes havia profissionais liberais, funcionários públicos e funcionários e até mesmo alguns padres católicos pedindo uma foto do Führer.²⁸

Todos os dilemas existentes em assuntos sobre o nacional-socialismo alemão como era o caso da questão racial e do caráter ateísta, todos eram obscurecidos ou perdoados pelo ideal compartilhado do antibolchevismo. O nacionalismo espanhol voltado ao conservadorismo católico e autoritário evitava, de certa forma, as idéias nazistas, pois era procurada uma solução fincada nas raízes hispânicas. Por mais que Hitler e Alemanha fossem exemplos a se seguir, o contexto da Espanha era diferente e estava mais perto do fascismo italiano, mesmo fracassando ao longo da guerra.²⁹

Em geral, todo o entusiasmo e admiração pelo modelo alemão e a imagem de Hitler de muitas pessoas foi gerada a partir dos eventos que acentuavam o estado de superioridade do Terceiro Reich, tendo a guerra iniciada contra os soviéticos como o auge dessa germanofilia. Indo além dessa esfera social, as interações e relações entre a Espanha e o Eixo, sobretudo entre Franco e Hitler, eram bem diferentes e mais voltadas aos interesses e situações que ambos os lados passavam, principalmente em relação ao desenrolar da Segunda Guerra Mundial.

De fato, toda a admiração que Franco tinha à Hitler, como é explicado no artigo de Xavier Moreno Juliá que trata das relações entre a Espanha e o Terceiro Reich, nada mais era que um interesse que o líder espanhol desenvolveu ao longo dos anos quando a campanha militar alemã iniciou-se na Europa e mostrou-se bem sucedida inicialmente diante dos aliados:

“De qualquer forma, não há menor dúvida de que Franco foi “hitleriano por interesse” durante uma temporada. Mas nada perto dos seis anos de guerra: apenas seis meses, entre abril e outubro de 1940, desde o início da campanha ocidental alemã e a entrevista em Hendaye. Com Hendaye, veio o grande solavanco: os sonhos imperiais

²⁸ SEIXAS, José M. Núñez. *Falangismo, nacionalismo y el mito de Hitler em España (1931-1945)*. Universidad Ludwig-Maximilian. Múnich, 2015. P.30.

²⁹ SEIXAS, José M. Núñez. *Falangismo, nacionalismo y el mito de Hitler em España (1931-1945)*. Universidad Ludwig-Maximilian. Múnich, 2015. P.23.

(embora desafiados por relatórios de Berlim com a caligrafia de Serrano) foram eliminados em um dia. Hitler, temendo uma possível reação favorável à Inglaterra de Churchill, não havia concordado em retirar a França derrotada de seu império norte - africano em favor da Espanha e, somente por Gibraltar, exigiu a entrada espanhola na guerra.” (JULIÁ, Xavier Moreno. *La División Azul En El Contexto de las relaciones entre la España de Franco y La Alemania Nazi*. Unibersidad d Rovira i Virgili. Tarragona, 2012. P. 66, tradução nossa.)

Hitler também não via Franco com grande admiração, ainda mais pelo fato de que o ditador espanhol só chegou ao poder graças à ajuda valiosa que recebeu dos alemães não só para cruzar o estreito como também para ganhar a guerra com a mão-de-obra e material bélico cedidos à causa nacionalista. Tratava-se da preferência do chanceler alemão por um governo que não fosse um possível aliado soviético e que pudesse ser usado contra a França e o Reino Unido, utilizando a guerra civil tanto como palco de testes diplomático e militar quanto um favor a ser prestado futuramente pelos nacionalistas.

A relação entre a Espanha e o Eixo entraria em xeque com o início da Segunda Guerra Mundial, quando após a queda dos Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo e França, ao longo dos meses de 1940, Hitler precisava da resposta definitiva de Franco sobre a entrada da Espanha na guerra. O mês julho teve o momento de maior intensidade nas negociações, pois não bastava o pedido de Hitler para que a Espanha entrasse na guerra.

Os espanhóis durante muito tempo realizaram demandas de diversos tipos ao Eixo, desde preparações até concessões territoriais na África:

“Dia 4: O ministro espanhol das Relações Exteriores, coronel Juan Beigbeder, manifestou ao embaixador Eberhard von Stohrer as demandas espanholas. Concretamente: Gibraltar, Tánger, o Marrocos Francês e uma retificação de fronteiras na Guiné Equatorial. Dia 10: entrada da Itália na guerra (Mussolini, depois de poucas hesitações, finalmente optou pelo que seu genro e ministro das Relações Exteriores Galeazzo Ciano tentou evitar. Dia 12: Espanha deixou de ser neutra e passou a ser não beligerante (ou seja, abertamente inclinado para um dos beligerantes, o Eixo). Dia 14: uma vez negociado com a Grã Bretanha e a França, Espanha ocupou Tanger, cidade sujeita desde 1922 a um estatuto que lhe deu uma condição particular de internacional. Dia 16: horas antes que o presidente francês Paul Reynaud fosse sucedido no cargo pelo marechal Philippe Pétain e há centenas de quilômetros mais ao norte, no castelo belga de Acoz, o general Juan Vigón entregou a Hitler uma carta de Franco com a seguinte frase:

“Não necessito assegurar o quão grande é meu desejo de permanecer reservado ante suas inquietudes”. Dia 17: quando Madri ia proceder a ocupação do Protetorado francês, com a desculpa de que, como potência da zona, estava obrigada a atuar e manter ordem na totalidade do território marroquino, recebeu uma mensagem do Governo francês. Pedia sua intermediação com Berlim para chegar a um cessar-fogo imediato. Em consequência, ficou suspensa a operação. Dia 19: o embaixador chegou a Berlim, almirante Antonio Magaz, entregou ao secretário de Estado alemão, barão Ersnt von Weizsacker, uma nota com o oferecimento explícito da entrada na guerra. Dizia: “Se a Grã Bretanha continua na guerra depois da França ter deixado de lutar, Espanha poderia entrar nela depois de um curto período de preparação pública”,. Em vez disso, pediu os territórios referidos. Mas, para a sorte dos espanhóis, Hitler estava ocupado demais administrando seu triunfo sobre a França. “O Governo do Reich aprecia muito a atitude espanhola”, foram as palavras alemãs a Franco em 25 de Julho de 1940. Nada mais.” (JULIÁ, Xavier Moreno. *La División Azul En El Contexto de las relaciones entre la España de Franco y La Alemania Nazi*. Unibersidad d Rovira i Virgili. Tarragona, 2012. P.67-68, tradução nossa)

O rumo das negociações mudaria drasticamente quando Hitler, estando decidido a atacar a Rússia diante do fracasso em invadir o Reino Unido, tentou planejar uma tomada em Gibraltar através da cooperação da Espanha, mas Franco e Hitler não conseguiram chegar a um acordo. O encontro fracassado dos dois em Hendaiá na França em outubro seria um exemplo de que, quando ambos os lados possuem interesse e demandas, independente dos laços, ambos vão dar prioridade a si próprios.

Por mais que Franco tivesse seus interesses na guerra, sabia que seu país devastado pela guerra civil não estava em condições de entrar em outro conflito e de maior escala. Além disso, duvidava da possibilidade de uma vitória alemã contra os britânicos depois do fracasso da Operação Leão Marinho, temendo uma invasão aliada nas Ilhas Canárias que daria possibilidade a uma invasão direta na Espanha caso resolvesse lutar ao lado do Eixo.³⁰ Vendo que suas demandas territoriais e seus pedidos de ajuda por material eram negados, Franco preferiu manter seu status de não-beligerante, provavelmente esperando um momento certo para mudar de idéia ou evitar qualquer represália dos aliados, principalmente por conta de interesses econômicos que estavam envolvidos.

³⁰ A operação tinha objetivo à invasão do Reino Unido a fim de colocar um novo governo favorável ao Terceiro Reich, mas que acabou sendo abandonada por conta da derrota nazista nas batalhas aéreas no evento que ficou conhecido como a Batalha da Grã-Bretanha, derrota essa que deixou os espanhóis receosos de entrarem na guerra.

No outro lado, Hitler recusava-se a dar mais ajuda aos espanhóis que não demonstravam empenho algum em relação ao Eixo e, em um momento em que a fama havia-lhe subido a cabeça, não estava disposto a ceder às demandas e aceitar um “não” como resposta. Diante do fracasso de tomar as ilhas britânicas, Hitler via em Gibraltar uma oportunidade estratégica e planejava através do *Plano Félix* em tomar o território britânico, mas que foi obstruída pela recusa de Franco em cooperar. As relações entre Franco e Hitler só não se tornariam hostis devido à intermediação de Mussolini na interação entre os dois a fim de evitar uma possível nova rivalidade no mediterrâneo e o surgimento de novas linhas de frente que obrigaram Hitler a focar seus esforços em outros planos. Em outras palavras, os espanhóis tiveram uma jogada de sorte devido aos eventos da guerra.

A participação italiana na guerra, segundo Juliá, deixava a desejar diante das derrotas sofridas na África e nos Bálcãs onde ambas as regiões obrigaram os alemães a deslocar seus esforços para socorrer seu aliado. No caso dos Bálcãs, a campanha fracassada dos italianos contra os gregos fizeram com que os alemães intervissem não só para salvar o prestígio do Eixo como também impedir uma nova frente aliada a partir das ilhas gregas, mas tal socorro teria um preço ainda maior por conta de um golpe de estado na Iugoslávia.

Quando o príncipe Pedro assumiu o poder no lugar do príncipe Pablo que era favorável aos interesses nazistas, os alemães não tinham mais acesso pelo território do país. Essa mudança de governo dos iugoslavos forçou a Hitler a dar ordem de invasão para tentar consolidar de vez a presença do Eixo nos Bálcãs. Tais eventos atrasaram os planos de Hitler de invadir a Rússia, acabando com seu interesse em Gibraltar já que não desejava cometer um erro similar a Napoleão ao envolver a Espanha na guerra, colocando toda sua atenção no leste europeu. Com esses acontecimentos, Franco e seu regime conseguiram respirar, pela primeira vez em meses, um suspiro de alívio.³¹

No ano de 1941, quando se deu início a Operação Barbarossa que quebrou o pacto de não agressão sob a justificativa de uma possível ameaça soviética, os alemães esperavam uma vitória rápida contando com a ajuda de vários países aliados ou ocupados, um episódio cuja principal propaganda e motivação de muitos era a cruzada contra o bolchevismo. A notícia foi recebida por Serrano

³¹ JULIÁ, Xavier Moreno. La División Azul En El Contexto de las relaciones entre la España de Franco y La Alemania Nazi. Unibersidad d Rovira i Virgili. Tarragona, 2012. P.70

Súñer na madrugada de 22 de Junho através de um telefonema da embaixada em Berlim que logo notificou a Franco que manifestou o desejo de sua Falange de contribuir para o conflito.³² Em Berlim, o ministro das Relações Exteriores Ribbentrop telefonou para o diplomata Stohrer sobre a aceitação da petição da divisão de voluntários espanhóis, vendo nisso uma oportunidade de tirar a Espanha da neutralidade e formalizar sua entrada na guerra. Acontece que devido ao fracasso das conversas em Hendaia e ao “não” de Franco, isso se demonstrou impossível e a Espanha continuaria apenas observando o conflito.

Apesar do entusiasmo tanto nos bastidores do governo quanto nas ruas da Espanha em relação à luta contra a União Soviética, teve-se uma tensão interna quando a Falange disputou com o Exército e outros setores para compor o número de voluntários da divisão. Apesar de haver muitos candidatos, a Falange queria em princípio mandar apenas o pessoal do partido. A partir de uma observação sobre tudo que aconteceu anteriormente, considera-se a possibilidade de Franco de querer fazer uso desses voluntários seja como propaganda ou uma forma de criar algum laço ou contribuição com a Alemanha. Mesmo negando-se a guerra, Franco continuava sendo oportunista e esperando o momento certo para pôr seus interesses em prática, visto que Hitler via a necessidade de mais tropas no extenso front russo e com a crença de uma possível vitória contra os comunistas, crença essa que motivaram muitos a se juntarem à causa do Terceiro Reich.

Tais interações entre Espanha e Alemanha durante o período entre 1936 e 1945, no geral, se configurou pelo seu interesse e pela multiplicidade de elementos em jogo, uma secção praticamente inesgotável para a historiografia dos dois países que quase sempre não está clara devido às várias interpretações existentes.³³ Apesar de ter vivido um conflito que perdurou por três anos, o governo espanhol sonhava em reconquistar o esplendor imperial há muito tempo perdido através da dominação do continente europeu pelo Terceiro Reich. Entre assuntos que vão desde as demandas recusadas de 1940 até o rompimento das relações em 1945, a Divisão surgiu a partir de um complexo relacionamento cheio de controvérsias que seria religada anos depois com o retorno de voluntários feitos prisioneiros.

³² JULIÁ, Xavier Moreno. *La División Azul En El Contexto de las relaciones entre la España de Franco y La Alemania Nazi*. Unibersidad d Rovira i Virgili. Tarragona, 2012. P.72

³³ JULIÁ, Xavier Moreno. *La División Azul En El Contexto de las relaciones entre la España de Franco y La Alemania Nazi*. Unibersidad d Rovira i Virgili. Tarragona, 2012. P.88

A história e o surgimento da unidade em si vieram de diversas causas e turbulências, seja como uma contribuição à luta contra o comunismo ou como uma propaganda do regime franquista. A Divisão Azul é um exemplo de que um caso de voluntarismo, aventura ou interesse, pode contribuir para o estudo e análise de muitos assuntos em relação à Espanha e até mesmo da Alemanha. A unidade tem seus próprios temas de estudo herdados tanto de voluntários sobreviventes quanto de interessados na sua história.

Portugal: uma mediação diplomática resultado da disputa propagandística entre os Aliados e o Eixo

Logo após o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, Portugal já se declarava neutro perante o conflito entre o Eixo e os Aliados, porém tal neutralidade possuía uma espécie de “bipolaridade”, porque mesmo que um Estado se declare neutro, não significa que ele está totalmente fora de um conflito. Citando como exemplos a Suécia que foi fonte de matéria-prima para a Alemanha e os Estados Unidos que antes de entrar no conflito já fornecia apoio material ao Reino Unido, fica claro que dependendo do contexto e dos interesses dos envolvidos que a neutralidade torna-se um status vago ou até mesmo uma fachada.

Por conta de sua posição geográfica no atlântico, a disputa das marinhas de guerra pelo controle das águas e o conflito no norte da África, Portugal foi alvo de interesses tanto do Reino Unido quanto da Alemanha que realizaram uma disputa através da propaganda de guerra, não só influenciando a opinião pública como também o posicionamento do governo. A propaganda de guerra é uma ferramenta tanto influenciadora quanto moralizante, era e ainda é usada como arma durante um conflito a fim de manipular as opiniões e informações dos eventos que ocorrem dentro dele.

Essa questão da propaganda é abordada tanto pelo lado português quanto pelo lado beligerante no trabalho de Débora Marina Canhoto onde ela explana sobre uma breve história da propaganda e como que ela é um fator importante para o apoio de um público:

“A função da propaganda de guerra será sempre criar um contexto radical de bons e maus. As ideias transmitidas são de que a sua causa é justa e os nossos são bons, heróis, justos e salvadores da Humanidade e quem trará um futuro digno. Os outros são a

representação do mal e os destruidores da humanidade e do mundo como era conhecido até então. É preciso exterminá-los e vencê-los a qualquer custo.

A perversa indústria da propaganda, utilizada, ao longo do século XX, pelos vários regimes políticos, para difundir as respetivas mensagens, tinha atingido o seu auge. Tudo era válido, desde as mensagens claras às insinuações mais impercetíveis. A propaganda encontrava-se nos mais variados tons em vários suportes – rádio, cinema, jornais, revistas, livros, fotografias, cartazes, postais ilustrados, etc. – tudo utilizado em proporções de todo gigantescas, o que fez da Segunda Guerra Mundial uma guerra de propaganda. A arte de manipular a opinião pública, tanto nos estados beligerantes como nos estados neutros, a propaganda tornou-se numa arma tão ou mais mortífera do que as que se utilizavam nos campos de batalha. No caso dos estados neutros as ações de propaganda dos beligerantes são utilizadas para atrair simpatizantes de forma a fortalecer a sua causa e influenciar a opinião pública a seu favor.

Com tudo isto, pode concluir-se que os diferentes beligerantes tinham um objetivo em comum: o de gerar opiniões, persuadir, denegrir e destruir o inimigo.” “(CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.23)

É claro que Portugal de António Salazar sabia da importância da propaganda e da necessidade de se defender dessa “invasão” estrangeira. O Estado Novo possuía órgãos encarregados de controlar as mensagens e informações que adentravam o território nacional cujos principais eram o Secretariado de Propaganda Nacional e os serviços de Censura. A SPN era responsável pela divulgação das idéias nacionalistas do regime e da padronização da cultura em geral. Os serviços de Censura estavam entregues aos militares que mantêm um controle avançado da imprensa, seja ela nacional ou regional. Todos os manuscritos a serem publicados tinham que passar pela Censura, que corta o que pensa que deve cortar, aprova os diretores dos jornais, dá sinal verde à venda das publicações e elabora a listagem de coisas que se podem divulgar.³⁴

Apesar dos esforços da censura portuguesa em filtrar a publicidade e manter a posição de neutralidade do país, tal esforço foi em vão seja por conta dos simpatizantes de ambos os lados que trabalhavam nos órgãos ou a crescente atividade de fontes pró-Aliados ou pró-Eixo. A verdade é que mesmo que Portugal se empenhasse a impedir tais propagandas sem afetar negativamente o

³⁴ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.30

setor cultural ou jornalístico de alguma forma com uma censura abusiva, a Inglaterra e a Alemanha estavam muito mais à frente na área da propaganda. Isso se soma ao fato de que se trata de dois protagonistas do conflito, então um país neutro e periférico como Portugal não conseguiria chamar mais atenção de seu público que estava atento aos acontecimentos.

As opiniões estavam divididas entre os denominados anglófilos e germanófilos. Os anglófilos era o público que defendia as relações entre Portugal e Reino Unido através de canais de notícias como *Mundo Gráfico* e *Anglo Portuguese News*, onde se exaltava a antiga Aliança Luso-Britânica ao mesmo tempo em que propagavam os benefícios de um regime democrático já que os britânicos não se identificavam com o regime de Salazar. Mais tarde em 1942, os EUA também começariam a entrar no ramo da propaganda em Portugal através da revista *Em Guarda* onde se reunia diversos artigos que falavam sobre os costumes e a cultura do continente americano.³⁵

Os germanófilos se tratavam daqueles que viam positivamente a Alemanha, na verdade, a propaganda alemã já estava presente durante os anos 30, onde com o objetivo de persuadir os portugueses a manter o apoio ao regime autoritário, enalteciam a figura de Salazar. Nos primeiros meses da guerra, a propaganda do Eixo em Portugal oculta a inglesa onde, tanto em termos de quantidade quanto qualidade, a Alemanha foi a primeira a criar centros de propaganda em Portugal que depois seria copiada pelos ingleses.³⁶ Através de publicações como *Sinal* e *A Esfera*, alegava-se que a vitória Aliada significava o fim do Estado Novo e que a aliança entre portugueses e ingleses era uma fraude que colocava Portugal como país submisso, priorizando assim semelhanças entre os governos de Salazar e Hitler para ganhar mais apoiadores à causa do Eixo.

Percebe-se que mesmo sendo neutro, Portugal era alvo não só de uma disputa ideológica como também foi afetado nos âmbitos social, político e econômico pela propaganda de guerra. Os beligerantes tinham interesses e não visavam respeitar a posição de neutralidade de um país que considerassem estrategicamente importante. Pode-se considerar que se a Segunda Guerra Mundial, por um lado, provocou aquela que foi a primeira crise do regime

³⁵ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.33.

³⁶ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.33.

fundado com o golpe de estado de 1926, mas graças à política habilidosa no campo nacional e internacional do presidente de Conselho, António de Oliveira Salazar, o regime do Estado Novo se manteve vivo por muito mais tempo.³⁷ A política externa portuguesa tinha como principal objetivo a independência nacional, evitando assim os conflitos internacionais, mantendo a amizade com a Espanha e desenvolvendo as potencialidades coloniais.³⁸ Claro que, devido ao conflito, foi necessária uma mediação diplomática entre ambos os lados da guerra, seja por motivos econômicos ou por alguma possível ação militar no país.

Nos anos de 1940 a 1943 durante a superioridade inicial do Eixo, a capitulação da França em 1940 tornou a guerra uma realidade na Península Ibérica, pois Hitler esperava que a Espanha entrasse na guerra e desse sinal verde para a execução do *Plano Félix* que consistia conquistar Gibraltar e, se necessário, Portugal. Temendo pela sua independência, o governo português convenceu a Espanha a assinar um Protocolo Adicional ao Tratado de Amizade e Não-Agressão em 29 de julho de 1940, no intuito de proteger os interesses mútuos em qualquer acontecimento que pudesse expor a viabilidade territorial dos países.

Assim, Portugal assegurou a neutralidade de Franco, face às pressões que ele havia sentido por parte dos países do Eixo diante das fracassadas demandas e discussões com Hitler, considerando até, indo no mesmo caminho que Portugal, a neutralidade como uma melhor opção. Era com certeza uma prioridade da diplomacia portuguesa que, de certa forma, era apoiada pelos britânicos. Por outro lado, sem conhecimento de Portugal, as potências Aliadas faziam estudos para o caso de os territórios insulares portugueses no Atlântico serem invadidos caso o Eixo decidisse atacar.³⁹

Em relação à Inglaterra, honrar a Aliança Luso-Britânica em algum momento não foi uma escolha e sim uma realidade, já que além de grande investidor e parceiro comercial, a Inglaterra ainda dominava os mares e possuía colônias no mundo inteiro, tendo assim fronteiras com as posses coloniais portuguesas. A partir de 1940, já se iniciava conversas para uma cooperação militar com os britânicos em caso de uma invasão do Eixo, envolvendo a retirada

³⁷ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.34.

³⁸ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.34.

³⁹ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.36.

do governo para os Açores, ilhas essas que futuramente teriam um valor estratégico valioso para os Aliados.

A guerra em si já era assunto no quotidiano português, tanto que se realizavam exercícios noturnos de vigilância e realizavam-se precauções em caso de bombardeio como colocar fita e ripas de madeiras nas janelas para proteção contra estilhaços.⁴⁰ Salazar tentava manter amizade com os dois lados, acreditando que futuramente que a guerra seria resolvida através de um compromisso entre as duas facções, fato esse que não ocorreu e que cuja neutralidade teria um momento decisivo em 1941 quando se deu início a invasão alemã à União Soviética.

Quando se teve início da Operação Barbarossa em 1941, iniciou-se na Europa, sobretudo nas áreas ocupadas ou aliadas do Eixo o que ficou conhecida como “Cruzada antibolchevique”, onde houve voluntários de muitos países que se voluntariaram ou apoiaram de alguma forma o evento que consideravam ser o que daria um fim do comunismo. Em Portugal, a repercussão e os efeitos políticos logo ocorreram:

“Os membros simpatizantes da germanofilia, como a Legião Portuguesa rejubilaram e muitos se ofereceram como voluntários para participar na ofensiva a Leste: «(...) alguns legionários se põem sobre a aplicação de tal doutrina em relação à nova fase do conflito que se desenvolve a leste da Europa, e não faltam os que desejariam participar nela alistando-se como voluntários da campanha contra a Rússia comunista. (...) O comunismo visa a destruição de todos os princípios morais, sociais e políticos (...) dele somos por isso irreconsideráveis inimigos.” (CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.37)

Por mais que Salazar também fosse anticomunista e se manifestasse simpatia à causa promovida pelo Eixo diante de muitos voluntários portugueses se voluntariando à Legação alemã, diferente da sua vizinha Espanha, evitou realizar ou autorizar qualquer contingente de voluntários a fim de firmar sua neutralidade e amizade com ambos os lados do conflito. A posição de Salazar ainda assim não impediu que muitos portugueses simpatizantes se juntassem à cruzada, quando ocorreu o recrutamento da Divisão Azul, muitos cruzaram a fronteira para se

⁴⁰ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.36.

alistar onde, mesmo sendo uma minoria, ainda sim é importante considerá-los na história da unidade.

A invasão à URSS mudaria também o cenário de guerra para os Aliados, pois além de contarem com os soviéticos no seu lado, puderam abrir uma nova frente se aproveitando do desvio de recursos que os alemães tiveram que fazer para empreender a extensa frente criada no leste europeu. Foi em 1943 que Portugal começou a mudar seu comportamento diante da possível vitória aliada e a possibilidade de uma invasão na península ser quase nula devido ao crescente encolhimento das forças do Eixo. A posição dos Aliados sobre Portugal endurece, pois o Reino Unido e os EUA necessitavam dos Açores para seu esforço de guerra, então os britânicos acionaram a aliança e desembarcaram no arquipélago durante as negociações entre Junho e Agosto de 1943.

Portugal ficaria encarregado da defesa dos Açores e do reabastecimento de navios ingleses, mas tal colaboração com os aliados não viria de graça por parte dos portugueses, aproveitando para pedir garantias de variados tipos:

“Desta forma, o começo das facilidades nos Açores ficava dependente dos seguintes aspetos: a) compromisso assumido pelo Governo britânico de prestar ao Governo português todo o apoio e auxílio militar no caso de ataque; b) compromisso da elaboração de um plano de cooperação britânica na defesa de Portugal, para o que uma delegação portuguesa seria imediatamente enviada para o Reino Unido; c) fornecimento de material de guerra e de pessoal técnico. Por fim, que garantisse toda a proteção aos navios mercantes portugueses e a revisão dos acordos comerciais e facilidades de transportes, destinadas a resolver as dificuldades do abastecimento público português, designadamente em alimentação e combustível. Passados dias, o Governo português recebia da Grã-Bretanha a garantia de que, findas as hostilidades, as forças inglesas, sul-africanas e australianas respeitariam a manutenção da soberania portuguesa sobre as nossas colónias.” (CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.38.)

Os EUA também estavam dentro do acordo onde Portugal deu permissão para a construção de um aeroporto na ilha de Santa Maria, passando para as mãos dos portugueses após o término da guerra. Não houve hostilidades em relação à Espanha e Alemanha, pois a Espanha tinha sua amizade reforçada com Portugal (principalmente após o encontro de Salazar e Franco em Sevilha) e a Alemanha, tendo que lidar com muitas frentes, apenas fez um protesto diplomático.

Com o fim da guerra em 1945, a vitória dos aliados foi festejada em vários pontos do país, principalmente em Lisboa. Criou-se uma dúvida por parte da população sobre a sobrevivência do regime diante da queda do nazismo e do fascismo, mas o regime sobreviveu à guerra e durou até 1974, junto com suas colônias ultramarinas após longos 41 anos. A tal política de neutralidade adotada por Portugal tornou-se colaboracionista com os vários beligerantes durante o período da guerra, sempre adotando uma política diplomática defensiva que protegesse a independência nacional. Existiram momentos-chave da sua neutralidade, como a declaração dela no início do conflito e o Pacto Ibérico de Não-Agressão, mas existiram também momentos de colaboração como a entrada da propaganda no país, a presença das forças aliadas nos Açores e a política econômica, nomeadamente o comércio de volfrâmio para ambos os lados.⁴¹

Mesmo sendo neutro, Portugal temeu um possível ataque por vários lados, mas não só os portugueses como também os beligerantes preferiram sua neutralidade, tanto por motivos econômicos quanto geopolíticos. A facilidade que a propaganda entrou no país também foi um fator que contribuiu, pois a neutralidade de Portugal foi algo permanente e construtiva. A proliferação da propaganda dos beligerantes no território português não foi bem vista pelo governo português, pois poderia reunir favoritismos. Mesmo assim, a propaganda expandiu-se e formaram-se grupos de opinião que dividiram a sociedade e possivelmente determinaram suas ações e o seu rumo como nação. A propaganda é algo forte e mortal, não só exclusiva aos regimes totalitários, até mesmo as democracias que pregam a liberdade utilizam seja de fatos ou da mentira para se posicionarem, algo que até hoje está presente em todos os meios de comunicação.⁴²

Apesar de Portugal não colaborar oficialmente com a formação da Divisão Azul, tendo mais uma espécie de papel secundário na história da unidade, houve portugueses que foram além da sua fronteira para lutar durante a cruzada antibolchevista, mesmo que lutando por outro país e tendo ideais distintos. Não devemos esquecer essa parte da história da divisão, pois tais voluntários trouxeram com eles uma contribuição para entender o que aconteceu com a

⁴¹ CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.37.

⁴² CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004. P.340.

Divisão Azul no front. As histórias pessoais nos ajudam a entender o quão longe leva o ser humano a se aventurar tão longe da sua terra natal, seja por uma causa ou um sentimento compartilhado, sendo uma injustiça deixá-los de fora por serem em menor número ou pouco citados nos trabalhos em geral.

Capítulo III – A Divisão Azul e a Batalha de Krasny Bor

Recrutamento na Espanha

Quando se deu início à invasão da Rússia em 22 de Junho de 1941, o evento foi recebido com entusiasmo em Madrid que estimulou a Falange a formar uma unidade de voluntários composta exclusivamente por seguidores da organização para lutar em apoio ao Eixo. A idéia foi apresentada por Serrano Suñer, presidente do Comitê Político Central da Falange e ao mesmo tempo Ministro das Relações Exteriores. Tinha-se como objetivo principal não só o combate ao comunismo como também visava aumentar a influência da Falange no regime de Franco e também de “compensar” os alemães pela ajuda que deram ao lado dos nacionalistas durante a Guerra Civil já que Franco recusou entrar no conflito.⁴³

Não era a primeira vez que a Falange tinha feito uma iniciativa desse tipo, já possuíram durante a Guerra Civil unidades voluntárias chamadas de “Banderas”, mas foram submetidos à autoridade do Exército Regular devido à uma disputa interna. A Falange desejava criar um grupo paramilitar semelhante às Camisas Negras dos fascistas italianos (Milizia Volontaria per la Sicurezza Nazionale) ou as forças de apoio dos nazistas alemães (SS -Verfügungstruppe).⁴⁴ Mesmo que sendo permitida, o exército fazia de tudo ao seu alcance para limitar suas atividades, tanto por motivos ideológicos quanto pela razão de não quererem nenhuma outra força militar legal que não seja o exército, protestando assim contra a iniciativa voluntária da campanha na Rússia alegando que a Falange não poderia ter sua própria atividade militar.

O Ministro da Guerra, General Varela, sendo opositor da Falange e simpatizante à causa Carlista, preferia mandar regulares, só que isso poderia ser

⁴³ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.11.

⁴⁴ A MVSN, conhecida como Camisas Negras ou Squadrisimo, era um grupo paramilitar do Partido Nacional Fascista responsável pela Marcha sobre Roma em 1922 que pôs Benito Mussolini no poder, formada a partir de intelectuais, ex-oficiais das forças armadas e proprietários de terra. A SS-Verfügungstruppe (força de suporte no combate) era a ala paramilitar criada em 1934 e depois integrada à Waffen-SS que participou em diversos eventos que vão desde a ocupação da Renânia até a invasão da França. Paramilitares desse tipo serviam para defesa e expansão da influência de grupos que tinham pretensões na política interna, a Falange se inspirou principalmente no fascismo italiano para expandir-se na Espanha.

uma declaração oficial de guerra por se tratar de tropas do exército do país, então o problema foi resolvido através de um acordo: comandantes e oficiais não comissionados seriam recrutados do exército junto com especialistas e soldados que desejassem servir e o resto de civis e membros da Falange. Após a aprovação dos alemães no dia 24 de Junho, o recrutamento foi realizado em locais da Falange e em quartéis de toda a Espanha no dia 27.

Os alistados receberiam o mesmo pagamento que os soldados do Terço Estrangeiro, tendo um aumento de 30% que seria pago em *reichsmark* enquanto que os sargentos, cabos e soldados receberiam uma recompensa de 1.000 pesetas no alistamento. Tinha garantia às famílias dos voluntários que recebiam mais por cada filho com idade inferior a 16 anos ou por cada filha menor de 20 anos que seriam entregues diretamente às famílias dos voluntários e nos seus locais de residência, assim como os ordenados ou salários que os voluntários da divisão recebiam do emprego que apresentavam na altura e que seria conservado durante a sua ausência.⁴⁵

Em um curto período de tempo, o apoio em massa pela idéia resultou num sucesso enorme do recrutamento, já reunindo um contingente com cerca de 18 mil voluntários, possibilitando a criação de uma divisão inteira, tendo ainda outros milhares colocados na espera. O exército ficou com um terço dos efetivos que incluíam todos os comandantes e os oficiais não comissionados e parte dos soldados enquanto que a Falange (que tinha muitos seguidores nas bases do exército) recrutou o restante dos dois terços, sendo metade do partido. Vale destacar o número de estudantes universitários onde o Sindicato dos Estudantes Universitários era a seção mais radical da Falange e foi o um grande apoiador da criação da Divisão Azul, tendo cerca de 4000 alunos, incluindo o líder, alistados.⁴⁶ Teve-se entre os interessados um grande número de mulheres se voluntariando para a divisão, fazendo parte, sobretudo na equipe de enfermagem e possivelmente na administração também.

Sobre os portugueses, não houve algo oficializado por Portugal que mantinha sua política de neutralidade, mas não impediu diversos indivíduos e até mesmo veteranos dos *viriatos* de se alistarem na Espanha como foi o caso de

⁴⁵ DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.453.

⁴⁶ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.12.

voluntários como José Alberto Rodrigues Esteves e Vicente Domingues Monteiro. José era residente em Badajoz, mas natural de Lisboa, estando casado e trabalhando como motorista até se alistar em Novembro de 1942, sendo declarado como desaparecido quando na verdade ficou por 11 anos em campo de trabalho soviético. Vicente era natural de Porto e veterano da Guerra Civil Espanhola onde lutou por dois anos e chegou a ser líder de pelotão de infantaria, alistando-se mais tarde na Divisão Azul.⁴⁷

As motivações para que muitos se voluntariassem eram diversas, mas considerava-se a utilidade propagandística, política e militar que estava envolvido. A divisão serviria para exaltar a causa do Eixo contra os soviéticos, aumentar a influencia interna tanto do lado do exército quanto da Falange e também de adquirir conhecimento da guerra moderna, já que inicialmente se acreditava numa vitória alemã, utilizando a divisão não só como um ato de reciprocidade como também um “investimento”. Fora as disputas internas entre o exército e a Falange, entre os vários civis que se alistaram tinham-se monarquistas, conservadores, católicos e etc., sendo quase todos anticomunistas.

Apesar de inicialmente o nome oficial ser Divisão Voluntária Espanhola, devido ao grande número de falangistas, acabou sendo conhecida como Divisão Azul devido às camisas azuis usadas pela Falange. Conforme a guerra prosseguia, a idéia de uma cruzada contra o bolchevismo foi se perdendo e era comum em 1942 e 1943 se alistar por interesses particulares, como pagamentos, promoções no caso dos oficiais, cumprir penas por crimes na guerra civil e até mesmo aventura. Mesmo assim, voluntários ainda viriam a se alistar, mesmo em números menores que o inicial e muitos já tinham conhecimento da vida cruel no front que teriam com o frio e a natureza local.

Durante uma crise interna no regime de Franco em Agosto de 1942, Varela e Serrano perderam os seus postos. Mesmo com o novo Ministro da Guerra General Asensio querer continuar com a Divisão Azul e acreditar numa vitória alemã, o novo Ministro das Relações exteriores Gómez-Jordana discordava do apoio espanhol dado ao Eixo. Diante do avanço Aliado na África e na Itália, a neutralidade espanhola começou a tomar forma com a pressão tanto das baixas no front quanto da pressão aliada e os voluntários da Divisão Azul começaram a ser

⁴⁷ DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.456.

repatriados.⁴⁸ Alguns voluntários ficariam e outros se juntariam clandestinamente na Legião Azul para continuar lutando pelo Terceiro Reich, mas não seriam repatriados durante o conflito e não haveria reposições já que a Espanha tinha se declarado neutra para evitar quaisquer problemas com os Aliados. Houve espanhóis da Legião Azul que lutaram na Batalha de Berlim em 1945 em divisões da Waffen-SS, os que foram capturados pelos soviéticos e presos em cativeiro só seriam repatriados na metade dos anos 50, sobretudo falangistas que exaltavam o Reich ou desejavam continuar a guerra contra o comunismo.

As motivações para a criação da divisão envolveram interesses e disputas internas entre o exército e a Falange, até porque ambos desejavam recuperar o esplendor imperial da Espanha ao mesmo tempo em que disputavam por maior influência no governo de Franco. Pode-se dizer que a divisão foi um instrumento político, servindo como uma espécie de “garantia” na guerra quando ainda se acreditava numa vitória alemã sobre os soviéticos.

Em relação aos voluntários, não se pode descartar diante de tantas causas e interesses pessoais o fato de que houve sim simpatizantes ao Eixo, mas também se tinha o desejo de combater o comunismo já que muitos guardavam ressentimento da União Soviética pelas atrocidades cometidas pelos republicanos a eles, familiares ou à sua religião durante a guerra civil. Havia aqueles que desejavam se aventurar, conseguir algum sustento ou até mesmo resolver questões judiciais da guerra civil. Mesmo ao longo do tempo com as motivações mudando e vários tipos de voluntários aderindo, a Divisão Azul não teria seu potencial reduzido, pois sempre houve muitos voluntários que realmente desejavam lutar. Deve-se afirmar de qualquer forma que o caráter anticomunista sempre esteve presente na divisão, principalmente pelo apoio popular que via na invasão o início do fim do que consideravam o mal que causou o caos da guerra civil, até porque nunca houve uma iniciativa militar espanhola desse tipo que recebeu tamanho entusiasmo.

O treinamento e organização

No dia 5 de julho, a Divisão Azul já se encontrava formada e partindo em um ar de festa no dia 13 na estação ferroviária de Madrid em direção a

⁴⁸ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.17-18.

Grafenwöhr na Baviera para instrução militar. Os voluntários foram organizados em três regimentos incluindo o Batalhão de Reserva 250º, o Grupo de Reconhecimento, Grupo de Sapadores e outros relacionados a suporte (sinais, transporte, veterinários, polícia. etc.), tendo-se no total 641 oficiais, 2.272 sargentos e 15.780 soldados: 262º, 263º e 269º.⁴⁹

O treinamento consistia numa rotina de alimentação, instrução, excursão e convívio a fim de preparar militarmente os voluntários, porém, as vitórias obtidas pela Wehrmacht contra o exército vermelho no início da invasão causaram preocupação aos espanhóis que temiam o fim da guerra antes do término do treinamento. O General Muñoz Grandes, sendo o primeiro comandante da Divisão Azul designado em 1941, conseguiu convencer os alemães a reduzirem drasticamente o tempo, alegando que todos eram veteranos da Guerra Civil e por isso já possuíam experiência. Na verdade, apenas os oficiais e os não comissionados eram veteranos da guerra civil. A maioria que se alistou eram aqueles que não puderam lutar contra os republicanos durante a guerra, sejam porque foram presos, não tinham idade ou foram forçados a servir a Frente Popular e que agora desejavam combater o comunismo, fora também àqueles que possuíam interesses particulares e se alistaram.⁵⁰

Os alemães já estavam familiarizados com os espanhóis militarmente através da Legião Condor que atuou na Espanha e estavam cientes que os espanhóis se moldaram no já derrotado Exército Francês. Para os alemães, os espanhóis eram ineficientes tanto termos táticos quanto de treinamento, mas como não esperavam nada mais que um papel propagandístico da unidade, aceitaram a petição de Muñoz de reduzir o tempo de treino. Por outro lado, os voluntários demonstraram um bom aprendizado com o equipamento alemão, até porque eram entusiastas e boa parte eram estudantes universitários que trouxeram suas capacidades acadêmicas para o front, porém mesmo assim o problema em relação ao treinamento e integração à Wehrmacht continuou. Os oficiais alemães ficaram desapontados com os voluntários por não estarem no mesmo nível dos seus

⁴⁹ DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.457.

⁵⁰ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.19.

soldados e que não seria resolvido tão cedo com a chegada de reforços da Espanha que teriam que se adaptar ao front no meio das operações.⁵¹

No dia 31 de junho, terminado o período de treino em Grafenwöhr, houve o juramento de fidelidade à Hitler, semelhante ao que todos fizeram anteriormente de lutarem contra o comunismo, mas que teve que ser alterado pelos capelães devido à aversão da Igreja Católica tinha com o nazismo. A marcha até a Rússia começaria em 20 de Agosto, dando no total 53 dias de viagem (9 de comboio, 31 a pé e mais 13 de comboio), tendo o destino inicial o Grupo de Exércitos do Centro, mas uma mudança em 18 de setembro os colocou no Grupo de Exércitos do Norte que se aproximava de Leningrado. Após 1.220 km de comboio de Grafenwöhr até chegar a Suwalki na Polónia no dia 26, a divisão continuaria a pé por aproximadamente 1000 km de lá até Vitebsk na Lituânia onde com as colunas motorizadas continuariam em direção a Novgorod. A divisão ficaria responsável pela proteção de um território que se estendia por 50 km para participar na ofensiva que visava tomar Leningrado e ao mesmo tempo frear os ataques soviéticos.⁵²

A Divisão Azul esperava contar com o mesmo apoio material e mecanizado que as tropas alemãs recebiam, mas se contentaram com poucos cavalos e carros, na verdade, a divisão teria que lidar com a guerra usando o mínimo para se manter na frente. Durante uma guerra, é normal se ter uma lista de equipamentos, provisões, veículos, etc., que determinada unidade seria composta a fim de se obter o resultado desejado desta. O problema é que conforme a situação de uma indústria estatal muda com o início e o prolongamento de um conflito, ainda mais no caso da Alemanha durante a Segunda Guerra que lidava com vários fronts, ficava difícil de ter equipamentos atualizados ou completos e provisões suficientes em dia, quer dizer, a logística ficava a mercê do que se tinha a oferecer e ao que sobrava.

Usando como exemplos, temos os grupos antitanque e de exploração da 250ª da divisão: as peças de artilharia Pak utilizados pelo grupo antitanque já eram obsoletas e inúteis contra os tanques pesados soviéticos T-34 e KV1

⁵¹ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.20.

⁵² DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.458.

enquanto que o grupo de exploração nem sequer contavam com cavalos o que reduziu muito sua mobilidade em um terreno difícil de locomover. Em outras palavras, a infantaria da divisão era capacitada, mas limitada devido aos problemas logísticos da guerra, fato presente na máquina de guerra alemã que estava sobrecarregada pela sofisticação e diversidade na produção somada à extensão das frentes que requisitavam ainda mais materiais.⁵³

Em relação ao alto comando, a divisão tinha um quadro de oficiais de maior qualidade da história militar contemporânea espanhola, onde cerca de 2400 que serviram, 300 terminaram carreira com a patente de general. Durante a guerra civil, muitos se inclinavam a direita anticomunista, preferindo cargos na Legião Espanhola do Norte da África, de fato, muitos dos oficiais que serviram na Divisão Azul vieram da legião, fazendo com que a divisão adquirisse o mesmo nível de reconhecimento e prestígio dos legionários.⁵⁴

Apesar da qualidade, existia uma desigualdade de classes na hierarquia, que era comum em muitos exércitos da época e que existe até os dias de hoje. Os oficiais se consideravam superiores aos não comissionados e aos soldados, fazendo eles de serventes e tendo acomodações que fossem superiores a dos demais. Tinha-se um elitismo militar que foi ainda mais aparente diante da atitude dos oficiais da Wehrmacht, onde os voluntários ficariam surpresos ao verem os oficiais na hora da refeição esperando a sua vez ao lado dos soldados apesar de sua patente. A divisão foi liderada sucessivamente no total por três comandantes: Agustín Muñoz Grandes (1941 a 12 de dezembro de 1942), Emílio Esteban-Infantes Martín (a 20 de outubro de 1943) e Santiago Amado Lóriga (a dezembro de 1943 quando a divisão foi dissolvida).⁵⁵

O General Muñoz foi o comandante mais famoso devido ao seu carisma, não só entre os soldados espanhóis, mas também entre os alemães. Os voluntários que serviram sob sua liderança o idolatravam e ele sempre teve uma atitude paterna com seus soldados os quais ele fazia o possível para dar as melhores condições. O general em si agia feito um soldado: não vestia o uniforme de general alemão, não ostentava suas inúmeras condecorações e ignorava a rígida

⁵³ *Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de "Krasny Bor"*. P.23-26.

⁵⁴ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.20.

⁵⁵ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.20-21.

disciplina alemã que cobravam dos soldados. Os alemães também passaram a gostar de Muñoz, viam nele até mesmo um líder melhor que Franco, sendo até mesmo favorecido por Hitler e condecorado com a Cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho.⁵⁶ Na Guerra Fria ele ocuparia cargos importantes na Espanha, tanto político quanto militar, sendo responsável por uma colaboração militar com os Estados Unidos e, mesmo sendo um “general espanhol de Hitler”, recebeu diversas condecorações americanas.⁵⁷

O General Esteban-Infantes foi selecionado pelo General Varela para substituir Muñoz a fim de “militarizar” a divisão composta em grande parte por falangistas. Esteban-Infantes vinha de uma família militar tradicional e estava ativo na causa monarquista, participando inclusive no golpe de estado contra a república em 1932 e sendo preso e dispensado no processo. Juntou-se a causa nacionalista na Guerra Civil e comandou formações importantes durante o conflito, porém, diferente de Muñoz, não tinha o mesmo carisma e humildade, tendo o perfil típico de um oficial de equipe onde passava mais tempo no escritório e evitava o front. Os alemães não tinham o mesmo respeito com Esteban-Infantes que tinham com Muñoz, tanto que Emilio ficaria em segundo no comando até dezembro de 1942.⁵⁸

Apesar de não ser tão lembrado como Muñoz Grandes, foi durante o comando de Esteban-Infantes que a Divisão Azul teve a luta mais difícil de sua história que foi a Batalha de Krasny Bor que demonstrou o potencial da unidade. Após a Segunda Guerra Mundial, Emilio ocuparia importantes posições no setor militar na Espanha e seria aquele que mais se preocuparia com o bem-estar dos veteranos da divisão num momento de ostracismo da unidade, promovida até mesmo pelos envolvidos em sua criação. Apesar de muitos admirarem Muñoz Grandes, ele nunca permitiu que os veteranos tivessem benefícios por serem ex-combatentes. Emilio Esteban-Infantes tinha ajudado muitos deles a obterem empregos, moradias e ter outros benefícios, participando também das reuniões de veteranos e escrevendo umas das primeiras histórias da divisão no intuito de

⁵⁶ Cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho era um grau da Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, a maior condecoração alemã que premiava aqueles que demonstrassem bravura em combate ou uma liderança bem sucedida e decisiva.

⁵⁷ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.22-23.

⁵⁸ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.23-24.

homenagear seus ex-soldados, ou seja, no final, o menos carismático e popular fez mais por seus homens.⁵⁹

O general Santiago Amado Lóriga não teve grandes participações na Divisão Azul. Ocupou o posto de comandante após a Batalha de Krasny Bor que tinha resultado em um grande número de baixas. Além da capacidade reduzida da divisão, já se tinha pressão dos aliados para a retirada dos voluntários do front no momento em que a Espanha perdia interesse no conflito diante do enfraquecimento crescente do Eixo. Veterano da Guerra do Rif e da Guerra Civil, ele tinha como objetivo acompanhar a repatriação das tropas que voltavam para a Espanha.

Os comandantes de regimento e batalhão eram escolhidos tanto por Muñoz quanto por Esteban-Infantes a partir das semelhanças que tinham com seus perfis. Por serem veteranos da Guerra do Rif, deram preferência aos oficiais com experiência adquirida de lá. Muñoz selecionou veteranos das campanhas da África, porém tais oficiais questionaram a qualidade duvidosa da divisão por estarem acostumados com a disciplina da Legião e por estarem diante de um grande número de estudantes não familiarizados com este tipo de liderança.

Quando a campanha começou, as tensões iniciais desapareciam já que os oficiais legionários, os falangistas e estudantes trabalhariam bem em equipe devido às suas qualidades. Os oficiais selecionados por Esteban-Infantes em muitos casos tinham um treinamento militar acadêmico melhor e muitos também eram veteranos da África, mas alguns deles não se adaptaram às condições difíceis do front russo e acabaram sendo dispensados do serviço. Apesar dos problemas, muitos demonstraram ter excelentes capacidades e transformaram muitos batalhões em verdadeiras unidades de elite.⁶⁰

Os oficiais subalternos, diante de muitos que já tinham começado a carreira militar antes e durante a Guerra Civil, sofriam com a falta de formação e preparo. Em 1931, quando Manuel Azãna era Ministro da Guerra durante a Segunda República, desconfiava das instruções e não aceitava a quantia alta de verba gasta com a academia num momento em que os gastos militares estavam

⁵⁹ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.24.

⁶⁰ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.26.

sendo cortados, por isso resolveu fechar a Academia General de Guerra.⁶¹ Durante a Guerra Civil, os Nacionalistas criaram o Corpo Provisório de Oficiais para tentar cobrir as vagas e terminar os estudos dos oficiais em formação, continuando após a guerra com a conversão de academias no intuito de continuar os estudos daqueles que desejavam seguir a carreira militar.⁶²

Quando se deu a criação da Divisão Azul, muitos oficiais subalternos se voluntariaram pensando servir ao lado da Wehrmacht, considerado o melhor exército do mundo na época, seria o caminho ideal para terminar seu treinamento militar. Por muitos serem simpatizantes ou membros da Falange, os oficiais subalternos tinham relações frias com os oficiais de campo que eram oriundos do Exército Regular, mas mantinham uma relação de camaradagem com os oficiais de companhia. Os falangistas e não-falangistas, apesar de serem adversários políticos, não deixavam de trocar elogios, o próprio General Esteban-Infantes após a guerra quando escreveu sobre a Divisão Azul, mesmo não simpatizando com a Falange, não deixava de admirar as qualidades e a dedicação que tinham os civis e oficiais falangistas.⁶³

Os oficiais não-comissionados, por serem geralmente soldados de longa data com pouco ou sem nenhuma formação, não tinham a mesma atenção e valorização que os outros oficiais, tanto que muitos não-comissionados seguiam a carreira apenas por sustento. A falta e a desvalorização de não-comissionados se tornaram evidentes no momento da campanha da Rússia ao sentirem o contraste com os não-comissionados alemães, que eram em maior número que nas unidades espanholas e tinham funções nunca atribuídas a eles no exército Espanhol. Além do cenário de inferioridade, muitos voluntários sob as ordens dos não-comissionados tinham uma educação melhor do que a deles, o que dificultava o comando das tropas além da dificuldade da repatriação por conta da falta de não-

⁶¹ Localizada em Zaragoza, a Academia General Militar é responsável pelo treinamento de oficiais das Armas e Corpo do Exército e para os oficiais da Guarda Civil. Seu fechamento pelos republicanos foi vista por parte dos militares como afronta a sua classe, sendo reaberta em 1940, tendo inclusive como alunos Juan Carlos I e o atual rei Felipe VI.

⁶² JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.26.

⁶³ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.26-27.

comissionados na terra natal, pois não havia um número suficiente de oficiais voluntários para substituí-los.⁶⁴

A Divisão Azul contou com um grande número de estudantes universitários e do ensino médio além da presença em menor número de professores, médicos, jornalistas e entre muitos outros com diferentes profissões. Contudo, a divisão não teve apenas pessoas com tal grau de ensino e formação, pois o primeiro contingente foi dominado pela classe média e com um pequeno número de proletariados nas suas fileiras. A Espanha em si era um país predominantemente rural e era dividida politicamente: as regiões mais pobres e mais inclinadas à esquerda apoiaram a Frente Popular e as regiões com melhores condições e com forte presença religiosa apoiaram os nacionalistas.⁶⁵

As classes urbanas dominaram o recrutamento inicial em 1941, mas quando a situação da guerra começou a mudar em 1942 e 1943, o entusiasmo foi freado pelas notícias tanto dos eventos envolvendo o conflito quanto das terríveis condições no front russo que já se tornavam conhecimento público. Devido às condições sociais que os rurais tinham, muitos preferiram sair de suas vilas para se juntar à divisão como forma de sustento. Na segunda fase da divisão, contou-se com muitos espanhóis da Legião Espanhola do Marrocos, só que mesmo sendo profissionais e patrióticos, o psicológico e o comportamento destes eram muito diferentes no contexto do front russo cheio de falangistas, causando problemas de adaptação e relacionamento nos legionários.⁶⁶

No geral, essa mistura de diferentes voluntários funcionou para a divisão porque todos conseguiram demonstrar sua capacidade a partir de seus perfis sociais. Os falangistas que eram motivados pelo seu fanatismo político mostraram ser excelentes soldados, os legionários com sua experiência e prestígio estavam agora na linha de frente aumentando ainda mais o potencial da divisão e o camponês que era endurecido pelo trabalho no campo e respeitoso com hierarquia que estava acostumado, conseguiu demonstrar seu potencial como soldado da linha de frente.

⁶⁴ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.28-29.

⁶⁵ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.29.

⁶⁶ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.29-30.

As táticas e a moral da unidade

Os espanhóis, antes de conhecer a Wehrmacht, admiravam e seguiam as doutrinas do Exército Francês o qual era considerado o melhor e mais moderno exército da época até ser superado pelos alemães graças à tática da “guerra de movimento”, ou blitzkrieg como ficou conhecido. A questão é que a tática utilizada pelos alemães consistia no uso de forças móveis em ataques rápidos, ou seja, algo que requer constante movimentação para impedir o inimigo de se organizar, por isso o uso de blindados, infantaria motorizada e de apoio aéreo eram necessários para sua execução. A Espanha por não ser um país industrializado não teria condições de fornecer a mecanização e o material necessário para a realização de tal tipo de guerra. Somado ao uso das Táticas de tipo de missão (Auftragstaktik) pelos alemães que estavam além do conhecimento militar espanhol, tinha-se uma grande diferença tática e tecnológica entre os dois países.⁶⁷

O curto período de tempo do treinamento na Alemanha resultado pela persuasão de Muñoz Grandes também foi um fator que complicou a situação tática da divisão. Quando cruzaram o Volkhov em outubro de 1941, os espanhóis operaram ao longo de linhas estabelecidas, algo que para os alemães era muito lento e muito focado em proteger os flancos, mas a parada do ataque da divisão se deu por conta da decisão dos alemães de concentrar as forças no ataque a Tikvin e no Rio Svir, colocando a divisão na defensiva. Apesar de se basearem nas táticas francesas de defesa rígida que se opõe à idéia de defesa flexível alemã, ironicamente, quando se deu início da ofensiva de inverno do Exército Vermelho, Hitler deu ordens para que suas forças ficassem na defensiva, ou seja, nessa nova situação a idéia de uma defesa rígida se tornou mais útil que a de mobilidade.⁶⁸

Durante a Bolsa do Volkhov na primavera e no verão de 1942, a falta de mobilidade dos espanhóis somada à barreira de linguagem dificultaria a sua

⁶⁷ A “Auftragstaktik” ou Tática de tipo de missão é uma forma de tática militar onde o foco é o resultado da missão e não os meios para alcançá-la, o comandante dá aos líderes militares uma meta definida e as forças e recursos necessários para cumpri-la de forma independente, dando assim aos subordinados liberdade no planejamento e execução a fim de garantir a flexibilidade no comando operacional e tático. O uso do termo segundo a Bundeswehr é considerada incorreto, sendo utilizado o *Führen mit Auftrag* (Liderando por missão) como o termo oficial, semelhante ao caso do termo da Blitzkrieg que também é desconhecida pelos alemães, mas ambos acabaram sendo mais difundidos.

⁶⁸ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.30.

sincronização com os ataques alemães, mas além dos problemas relacionados à tática, os alemães tinham que lidar com um problema cultural relacionado à atitude dos espanhóis em serviço.⁶⁹ Diante da desvantagem tática, os espanhóis compensavam com sua coragem que, mesmo sendo correto, era algo perigoso já que resultava em baixas desnecessárias por conta do caráter suicida tanto entre os legionários quanto entre os falangistas. Ambos desconsideravam o perigo da morte que resultava em negligência ao fogo inimigo, a coragem que ambos tinham como um valor era ao mesmo tempo um risco as suas vidas.⁷⁰

Um fator perigoso da coragem suicida dos espanhóis era a exposição que os soldados voluntários tinham ao fogo inimigo, não só deixando os alemães ainda mais tensos com a situação como também foi a causa de baixas desnecessárias. Para dar ordens de assalto às posições inimigas, os espanhóis tanto usavam clarins quanto cantavam, ao invés de utilizarem a cobertura das trincheiras ou realizar um ataque surpresa, os espanhóis moviam-se para frente se expondo ao fogo inimigo, ou seja, não só entregavam sua posição ao inimigo com o barulho feito como ficavam de frente para ele.

Outro caso de exposição ao fogo inimigo é descrito pelo historiador Carlos Caballero Jurado onde ele dá uma narrativa de um veterano da divisão sobre como as tropas espanholas reagiam aos projéteis de artilharia inimigos:

“As tropas espanholas fora de serviço se reuniram para ver os alemães. Naquele momento, o apito característico da chegada de artilharia foi ouvido. O oficial alemão ordenou que todos os seus homens buscassem cobertura, o que eles fizeram. As tropas espanholas, que eram veteranas, calcularam que os projéteis pousariam a alguma distância e assim permaneceram em de pé. Eles então riram dos alemães, referindo-se a eles como “verdes”. Para a surpresa deles, quando o oficial alemão se levantou, os soldados espanhóis viram que seu uniforme estava coberto de decorações, como eram os de muitos de seus homens. Poucos dias depois, esse mesmo grupo estava aproveitando algumas horas de sol para relaxar fora das trincheiras estreitas. O som de projéteis inimigos foi ouvido novamente assobiando sobre suas cabeças, mas os homens ignoraram, até que uma bomba de morteiro caiu e explodiu entre o grupo, matando vários

⁶⁹ A Bolsa do Volkhov foi uma série de combates com o objetivo de conter, cercar e eliminar as tropas soviéticas que atravessaram o rio ao oeste. O termo “bolsa” se refere a uma situação em que uma força de combate é cercada e isolada pelo inimigo e desprovido de seu acesso a suprimentos e apoio aliado, geralmente uma situação de cerco que visa destruir o inimigo seja atacando por vários lados ao mesmo tempo ou causando atrição pela falta de suprimentos.

⁷⁰ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.31-32.

deles. O veterano acabou reconhecendo que as precauções alemãs estavam corretas.” (JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.32. Tradução nossa)

Apesar de a Divisão Azul ter esses problemas táticos e de comportamento, estavam na mesma situação que os seus aliados Romenos, Italianos e Húngaros na frente oriental que tentavam atingir o nível de força militar da Wehrmacht. Ao contrário de seus compatriotas, os espanhóis não cederam contra uma ofensiva soviética, pois os recrutas italianos, romenos e húngaros não tinham uma motivação clara para se empenharem no conflito enquanto que os espanhóis, mesmo a Espanha não estando oficialmente na guerra, demonstraram mais dedicação e esforço, acreditando na sua utilidade na Rússia. Os espanhóis tiveram o privilégio de possuir equipamento alemão diferente de seus aliados, provavelmente por ser uma unidade voluntária em missão oficial, os alemães se responsabilizaram não só pelo treino como também pelo material. Mesmo com todos os atritos que os alemães passaram com os espanhóis, a Divisão Azul nunca foi posta na retaguarda ou usada para missões anti-partisan, ficando claro que os alemães confiavam tanto na dedicação quanto na capacidade das tropas espanholas.⁷¹

Além da questão tática, um fator muito importante das forças armadas é a moral de seus integrantes, não basta apenas ter motivações ideológicas ou causas justas, é necessário num ambiente hostil da linha de frente amenizar a situação seja através de entretenimento, comida agradável ou cara e até mesmo passeios. Ao longo dos tempos, diversas formas foram utilizadas para motivar as tropas: espólios, bebida, comida, esportes, propaganda, prazer sexual, reuniões de confraternização, rituais religiosos, etc. A moral de um soldado é algo que pode definir um combate, pois se um soldado não tem vontade de lutar ou fica psicologicamente abalado, a eficiência e a disciplina somem e dão espaço a desorganização e desespero, por isso é necessário dar algum suporte ao militar nem que seja um luxo.

O sentimento anticomunista era forte em muitos voluntários da Divisão Azul, mas não quer dizer que era o suficiente para manter a moral e o espírito de luta. As condições climáticas e o terreno da Rússia para os espanhóis eram severas

⁷¹ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.33.

e muito diferentes do que estavam acostumados, além da “rasputitsa” ou lama russa que atrasavam o movimento das tropas. O pior sem sombra de dúvidas era o frio extremo que resultava em muitos casos de queimaduras e até mesmo perdas, tanto que o melhor livro disponível na Espanha entre os anos 40 e 50 sobre tratamentos de queimaduras por frio foi escrito por um médico que serviu na divisão.⁷² Não só as condições da Rússia afetavam os espanhóis como também o andamento da guerra, principalmente quando o Eixo começou a ficar na defensiva e perder terreno, por isso várias medidas foram tomadas ao longo do tempo de serviço da Divisão Azul para motivar os voluntários.

Sobre a alimentação, a gastronomia espanhola era muito diferente dos alemães e dos russos, pois na chegada em Grafenwöhr, os espanhóis detestaram a dieta típica alemã. Para resolver esse problema foi necessário o envio de bebida e tabaco da Espanha para agradar o gosto dos voluntários, dependendo da rede de logística alemã para sua entrega que eram adicionados aos suprimentos do Corpo de Intendentes Alemão. No natal, era costume espanhol consumir doces e licores, a “Caixa de Natal” era enviada da Espanha com esses produtos típicos da celebração, tal distribuição teve um efeito psicológico importante nos homens da divisão que estavam longe de casa e de suas famílias.⁷³ A quantidade de comida era limitada durante o tempo de atividade da divisão, principalmente em Possad por conta das dificuldades de transporte e do terreno que atolava os carros e o frio que congelava a gasolina. Geralmente, o pão era à base da alimentação dos voluntários além do que conseguiam encontrar e todo o abastecimento recebido quando possível era festejado e os mantimentos bem cuidados.⁷⁴

O catolicismo para muitos espanhóis era mais que uma religião, era um estilo de vida e a identidade nacional. As perseguições da Frente Popular durante a guerra civil motivaram muitos católicos a apoiarem a causa nacionalista e, mais tarde, a Divisão Azul serviria como uma cruzada a todo o mal que assombrou a fé cristã. Um diferencial da organização espanhola da alemã era o número de capelães presentes, porque enquanto que no lado alemão era um capelão católico e um protestante para uma divisão, os espanhóis tinham capelães para cada batalhão

⁷² JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.34.

⁷³ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.46.

⁷⁴ DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.462.

e para cada hospital de campo na retaguarda. As missas realizadas em campo não eram obrigatórias, seja aos domingos ou nas festas religiosas, mas mesmo assim não deixavam de serem bem freqüentadas pelos voluntários, tendo o calendário religioso católico seguido com devoção e com procissões em que os oficiais marchavam atrás dos seus capelães como se estivessem em casa.

O sentimento religioso fez com o que os espanhóis simpatizassem muito com os poloneses e lituanos durante o andamento da campanha que, para a surpresa dos espanhóis, os alemães não encorajaram os poloneses que eram católicos e anticomunistas a participarem da cruzada contra os soviéticos. Na verdade, o tratamento em geral dado pelos alemães aos povos ocupados causou desgosto a muitos voluntários.⁷⁵ Ao chegarem à Rússia, os espanhóis distinguiram o regime comunista do povo russo, claro que não livres de casos de crimes de guerra contra civis, mas estes ocorreram em menor número. Os voluntários foram moralmente superiores aos alemães, até porque a Espanha nunca se envolveu em um conflito com a Rússia e não tinham qualquer rancor contra eslavos, tendo apenas um preconceito racial contra os habitantes do Norte da África por conta das guerras coloniais.

Quando o Exército Vermelho atacou a Divisão Azul em Krasny Bor, alguns poucos habitantes locais ajudaram da maneira que podiam e não era algum incomum já que os próprios comandantes da divisão ordenavam aos batalhões de cozinha a distribuir rações diárias para crianças e idosos. A divisão nunca foi acusada de crimes de guerra por parte dos soviéticos e a unidade hoje possui túmulos em sua homenagem na Rússia. Inclusive, em 2005, foi comemorado o fim da Segunda Guerra Mundial em São Petersburgo sendo uma delegação de veteranos da Divisão Azul convidados oficialmente ao evento, ou seja, a divisão não foi só reconhecida pela sua atuação no front oriental.⁷⁶

Houve atividade propagandística por parte dos alemães e dos espanhóis dentro e fora da Divisão, o General Muñoz Grandes deu ordem assim que chegaram à linha de frente para criar uma publicação semanal, assim nasceu a *Hoja de Campaña* (Folha de Campanha) que esteve em atividade até o fim da guerra quando a Legião Azul foi dissolvida. Graças ao nível de educação de

⁷⁵ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.47.

⁷⁶ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.54-55.

muitos membros da divisão, a publicação teve uma excelente qualidade na apresentação e além de publicações relacionadas à política e ao militarismo durante a guerra, também traziam notícias sobre a Espanha (incluindo resultados do Campeonato Espanhol de Futebol, hoje conhecida como *La Liga*) e a possibilidade de entrar em contato com mulheres espanholas que desejavam se tornar “Madrinhas de guerra”.⁷⁷ A publicação da *Hoja de Campaña* foi importante para ajudar os soldados que tinham saudade de casa, tendo muitas cópias enviadas para a Espanha que serviam como uma ótima propaganda da Divisão Azul, mas fez o seu trabalho como publicação em manter a moral dos voluntários diante de um front tenso como o russo, tendo relevância além do seu uso propagandístico.⁷⁸

No lado alemão, além de providenciar o material necessário para a produção da *Hoja de Campaña*, utilizou a Divisão Azul em sua propaganda para retratar a campanha contra os soviéticos como uma cruzada anticomunista. Aproveitou-se do fato de voluntários de um país neutro se colocarem a disposição de seu exército, aumentando de certa forma o seu prestígio. Houve uma disputa propagandística entre os Aliados e o Eixo acerca da Divisão Azul quando mídias de informação como a BBC Spanish realizavam campanhas contra a existência da divisão, inclusive houve em várias ocasiões histórias sobre a destruição completa da unidade. Em contrapartida, os alemães davam relatórios diários sobre o serviço da divisão através da Deutscher Rundfunk, permitindo também que voluntários mandassem mensagens para suas famílias via rádio e vice-versa.⁷⁹

Por fim, uns dos métodos mais comuns de aumentar a moral é através de condecorações, pois reconhecer um soldado por seu serviço, em termos psicológicos, faz ele se sentir útil, mais importante ou confiante demonstrando assim que seu esforço não foi em vão, seja o honrando ou criando uma ilusão de grandeza. Como uma unidade do Exército Espanhol, a Divisão Azul tinha direito de receber condecorações espanholas, assim como tinha direito como uma unidade voluntária integrada a Wehrmacht de receber condecorações alemãs. Entre as condecorações espanholas, em ordem de importância, tinha-se a Cruz de

⁷⁷ Madrinhas de guerra são mulheres ou meninas que escreviam cartas, mandavam pacotes, ou presentes para os soldados em campanha no intuito de apoiá-los moralmente, psicologicamente ou emocionalmente, não sendo também necessariamente uma relação amorosa.

⁷⁸ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.47-48

⁷⁹ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.48-49

San Fernando e a Medalha Militar (dada como prêmio individual e por citação de unidade), a Cruz de Guerra com Folhas de Palmeira, a Cruz de Guerra e a Cruz Vermelha para mérito militar.

As medalhas de San Fernando e Militar exigiam um longo processo a ser seguido antes de sua premiação, levando até mesmo anos. A San Fernando foi dada a oito membros da divisão, sendo sete deles mortos em ação, mas acontece que muitas outras premiações foram recusadas porque a partir de 1943, quando a balança da guerra começou a ficar contra a Alemanha, o regime de Franco desistiu de dar premiações e de exaltar a divisão para não provocar os aliados. Na verdade, os membros da Divisão Azul tinham interesse especial em obter as premiações alemãs, principalmente a Cruz de Ferro que, de acordo com registros alemães, foram premiados 2370 exemplares de 2ª Classe e 138 de 1ª, mas o número considerado real de acordo com fontes espanholas, os números chegam a 2500 e 150 respectivamente, incluindo a Cruz de Mérito de Guerra que, tanto 2ª quanto 1ª classe, foram dadas em quantidades semelhantes.⁸⁰

Em 1943, o Oberkommando der Wehrmacht (Alto Comando da Wehrmacht) condecorou os voluntários espanhóis com sua própria medalha comemorativa, um ato impressionante porque nenhuma outra unidade de voluntários recebeu tanta consideração por parte do alto comando alemão. No fim da vida da divisão, todos os veteranos receberam uma medalha de campanha da Rússia com honra (apesar de muitos já receberem durante a Guerra Civil Espanhola) e, também amplamente concedida, a Ordem da Águia Alemã, dado especialmente pelo governo alemão a cidadãos estrangeiros.⁸¹ Os voluntários foram premiados tanto por seu país quanto pelo Terceiro Reich por seus serviços, sendo que este último é um caso bastante único, não só por conta de outros aliados do Eixo não receberem o mesmo privilégio como também por se tratar de um regime com tamanha controvérsia em torno das questões raciais e ideológicas.

⁸⁰ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.49-50.

⁸¹ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.50.

A ofensiva soviética em Krasny Bor e a preparação das defesas

A Divisão Azul participou de várias operações ao longo de sua atividade no front russo, sendo sua principal função a proteção de posições no setor norte. Em Novembro de 1941, os voluntários foram destinados à Possad e Otenski, onde sofreram tanto com o clima frio quanto com os ataques soviéticos e, após muitas baixas e constantes ataques soviéticos, o General Muñoz Grandes foi aconselhado a evacuar o local e se retirar para Otenski. Na bolsa do Volhov de janeiro a junho de 1942, os voluntários tomaram parte de um ciclo de combates que visava destruir as tropas soviéticas que cruzaram o rio, sendo retirados em agosto e sendo congratulados pela atuação nas operações, mesmo com um número considerável de baixas. Em Janeiro de 1943, o Batalhão Román (Segundo Batalhão do 269º Regimento), uma das mais notórias unidades da divisão, foi destacada para combater ao sul do Lago Ladoga contra uma enorme ofensiva soviética que visava quebrar o cerco de Leningrado. Em apenas uma semana de combate intenso no Lago Ladoga, o número de baixas ultrapassou as 1000, reduzindo os efetivos do batalhão de 500 divisionários para 30.⁸²

Nessas três operações citadas, houve a presença de voluntários portugueses, entre eles temos sobreviventes, feridos e mortos de variados cenários de combate. Em Possad, Joaquim da Silva foi baleado e morto em 13 de novembro, Agostinho da Rocha foi vítima de estilhaços de granada de mão e Manuel Seixá viria a falecer em um campo de prisioneiros. Durante a Bolsa do Volkhov, Adriano Soares Teixeira que era sobrevivente de Possad seria ferido enquanto que Júlio Augusto Peres da Silva morreria em março, mas Vicente Domingues Monteiro foi um dos poucos portugueses condecorados com a Cruz de Ferro de 2ª Classe por bravura em combate. Já no Lago Ladoga, o cabo José Tomás da Costa Barroso e o soldado Domingos Ferreira Rodrigues seriam os sobreviventes dos cinco portugueses que passaram pelo Batalhão Román, sendo que um não participou no Lago Ladoga por ter sido baleado durante a Bolsa de

⁸² DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.458-460

Volkhov (soldado Manuel Benjamin Areias Rodrigues) e outros dois morreriam depois em Krasny Bor (soldados António da Silva Santos e Agostinho Aveiro).⁸³

De todas as operações que a Divisão Azul participou, a Batalha de Krasny Bor é considerada até hoje a batalha mais difícil da história da divisão, onde cerca de 5000 entre 6000 voluntários divisionários tiveram que conter uma ofensiva soviética com mais de 44000 soldados ao todo do Exército Vermelho que contavam com artilharia pesada e blindados. Naquele momento, o exército alemão que antes acreditava numa vitória rápida sobre os russos já se demonstrava enfraquecido pela fadiga da guerra, pois tanto os aliados quanto os russos começaram a ficar na ofensiva contra o Eixo. Com a vitória estratégica da Operação Iskra, os soviéticos visavam romper de vez o cerco alemão em Leningrado, por isso o Marechal Georgy Zhukov planejou e executou a Operação Estrela Polar em março de 1943. Nessa operação, seriam conduzidas as frentes soviéticas de Leningrado, Volkhov e do noroeste, lideradas respectivamente pelos generais Vladimir Sviridov, Leonid Govorov e Kliment Voroshilov. O objetivo principal da ofensiva era derrotar o Grupo de Exército Norte alemão e ter acesso a rodovia Leningrado-Moscou cujo ponto de articulação era Krasny Bor que ficava entre a rodovia e a ferrovia.⁸⁴

A Divisão Azul originalmente foi designada a cobrir de Alexandrowka ao oeste até a margem do Ishora ao leste, mas em janeiro, saindo das linhas da 4ª Divisão SS, os espanhóis estenderam o seu setor até a ferrovia Leningrado-Moscou, percorrendo mais de 30 quilômetros e exigindo três regimentos da divisão mais a reserva. O Batalhão de Reserva 250º (que foi implantada deixando nenhuma reserva na retaguarda) e os regimentos da 262º, 263º e 269º ficariam encarregados das defesas em Krasny Bor. A população de Krasny Bor era baseada em um pequeno planalto elevando-o sobre os vizinhos mais baixos e pantanosos ao norte, tendo ao sul um denso bosque, a posição em si deixava os espanhóis

⁸³ DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.458-460

⁸⁴ O Cerco de Leningrado foi um bloqueio realizado pela Wehrmacht contra a cidade de Leningrado (ex São Petersburgo) em 8 de setembro de 1941 que durou até a expulsão das forças do Eixo pelos soviéticos em 27 de janeiro de 1944, sendo considerado um dos cercos mais violentos e mortais da história militar, sendo até hoje considerado um genocídio por conta dos danos que causou a população civil.

mais expostos à ameaça mesmo com um campo de visão razoável do setor industrial da vizinhança ao norte.⁸⁵

As defesas de Krasny Bor eram planejadas desde 25 de janeiro de 1943, tanto o general alemão do 1º Corpo de Exército Philip Kleffel quanto o General Emilio Esteban-Infantes sabiam que a ofensiva soviética passaria por esse setor. A partir da inspeção dos generais que estiveram presentes, foi ordenado que melhorasse as defesas, aumentasse a munição e preparasse o envio para todos os reforços disponíveis. Devido ao frio que endurecia o solo que dificultava a cavar, tiveram que criar novos arames farpados e colocar minas na medida do possível.⁸⁶

Em suma, os espanhóis contavam com um efetivo de mais de 5000 divisionários em uma posição menos consolidada contra uma força soviética inicial de mais de 20000 e depois 44000 soldados acompanhados de tanques e artilharia, não contando o tempo todo com reforços alemães em considerável quantidade e sendo auxiliados em certos momentos por legiões de soldados de origem norueguesa, flamenga e letã. O fato é que a Divisão Azul não contava com um material bélico a altura dos soviéticos, tendo falta de peças antitanque, artilharia modernizada e de equipamentos de suporte. Os soviéticos esperavam repetir o mesmo sucesso que tiveram na Operação Iskra, mas seriam parados pelo esforço máximo feito pelos voluntários espanhóis.

O desenrolar da batalha

Na manhã de quarta-feira pelas 6 da manhã em 11 de fevereiro, os soviéticos realizaram um bombardeio massivo sobre as linhas espanholas. Entre os projéteis houve bombas, morteiros e foguetes Katyusha lançados contra as trincheiras e buracos construídos nos flancos. Horas depois, o bombardeio mirou Krasny Bor, tendo atingindo no processo Podolvo e Raikelevo, sendo a última ao leste da cidade, o Posto de Comando de Esteban-Infantes. Na mesma manhã, quatro divisões soviéticas avançaram contra Krasny Bor, Raikelevo e Podolvo com apoio de tanques entrando em combate com os mais de 5000 soldados da Divisão Azul que estavam segurando o flanco leste. Devido ao intenso bombardeio, as formações espanholas que estavam na primeira linha não conseguiram recuar em direção a cidade. As companhias da 262º Regimento

⁸⁵ *Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de "Krasny Bor"*. P.43-45.

⁸⁶ *Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de "Krasny Bor"*. P.46-48.

suportaram o ataque até suas últimas forças, pois atravessar sua linha deixaria o flanco da 4ª Divisão SS aberto. O sacrifício da 262ª na primeira linha ofuscou os planos soviéticos que esperavam em pouco tempo limpar o caminho até Nikolskoye, apesar de ao mesmo tempo essa perda da divisão deixar exposto o flanco da 4ª Divisão SS.⁸⁷

Dentro da cidade, ainda de manhã, os espanhóis controlaram a estação ferroviária, repelindo os ataques soviéticos de infantaria e de tanque. Apesar do número de divisionários ser reduzido a 40, conseguiram manter a posição numa fábrica até meio dia quando voltaram para a cidade. As unidades espanholas que estavam isoladas entraram em combate até a tomada da ferrovia de Outubro pelos soviéticos, deixando as unidades espanholas que ainda controlavam a rodovia Leningrado-Moscou cercados, mas resistiram até a sua destruição.

O esforço espanhol infringiu baixas pesadas nos soviéticos, mas não deixaram de avançar, pois o 55º Exército conseguiu tomar Raikolevo que separou Podolvo de Krasny Bor. Dentro de Krasny Bor, a artilharia, engenheiros e sapadores espanhóis foram atacados pelos soldados e tanques soviéticos, relatando assim a tomada da cidade, mas a parte sul ainda estava sob comando dos espanhóis. O general Sviridov buscava inserir o grupo motorizado no final do dia, mas que devido à resistência dos espanhóis e ao reforço alemão com grupos de batalha, o grupo acabou sendo impedido de participar já que até mesmo os blindados soviéticos sofriam baixas com coquetéis molotov e granadas.

Os soviéticos avançariam até o centro-oeste da cidade durante a tarde empurrando uma pequena formação espanhola para a retaguarda do posto avançado da divisão enquanto as tropas restantes da divisão eram deslocadas para posições no rio Izhora ao oeste onde resistiriam aos últimos ataques do dia. Um grupo da 212ª Divisão de Infantaria Alemã e duas companhias das Legiões Flamengo e Letã apoiaram os espanhóis no contra-ataque na floresta local assumindo assim a linha de frente da rodovia até o rio Izhora ao oeste. Ao final do primeiro dia, os soviéticos capturaram Krasny Bor e outros locais ao redor da cidade, mas os números de baixas soviéticas foram mais altos do que se esperavam, a resistência que encontraram dos espanhóis e das forças do eixo impediriam o término da operação logo no primeiro dia de execução.⁸⁸

⁸⁷ *Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de "Krasny Bor"*. P.73-76.

⁸⁸ *Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de "Krasny Bor"*. P.76-87.

No dia seguinte, 11 de fevereiro, os soviéticos que controlavam toda a cidade estavam cercados por vários lados. A Divisão Azul e a 212ª Divisão de Infantaria alemã planejavam um contra-ataque a fim de aproveitar o possível ponto fraco dos soviéticos, mas o estado desastroso do 18º Exército alemão impediu a realização da ofensiva. Entretanto, apesar da situação delicada das forças do Eixo, no dia 12 os espanhóis após o bombardeio de um batalhão de artilharia da divisão lançariam uma ofensiva para tentar retomar Krasny Bor, mas não obtiveram sucesso resultando em mais baixas.

No dia 13, devido à resistência da Divisão Azul, os vários ataques fracassados dos soviéticos e o número alto de baixas e de perdas materiais, a Operação Estrela Polar fracassa em liberar a cidade de Leningrado. Os soviéticos não mantiveram o sucesso inicial na Batalha de Krasny Bor e os espanhóis e os alemães conseguiram evacuar o restante das forças e ganhar tempo. Segundo o estado maior soviético, a falta de reconhecimento das posições inimigas, o uso ineficaz dos blindados e da artilharia e erros em todos os níveis de alto comando foram os responsáveis pelo fracasso. O cerco de Leningrado, apesar do avanço soviético em várias partes do setor, só seria encerrado no ano seguinte em janeiro de 1944.⁸⁹

O resultado da Operação Estrela Polar em si foi irônica, pois os soviéticos esperavam uma vitória rápida da mesma forma que os alemães, um avanço rápido em vários setores utilizando forças motorizadas, blindadas e de artilharia a fim de esmagar as linhas inimigas, ou seja, o Exército Vermelho repetiu o equívoco da Wehrmacht. O fato é que numa guerra você não deve cometer os mesmos erros do seu inimigo, mesmo que a balança de poder esteja favorável a você, pois esse foi o mesmo erro que os soviéticos cometeram anos atrás com os finlandeses na Guerra de Inverno de 1939 que, apesar da Finlândia no final ter cedido territórios de Neva e da Karelia, o desempenho soviético foi muito abaixo do esperado.

Deve-se considerar também como uma das causas do fracasso soviético a dedicação que os espanhóis tiveram na batalha. Usar força bruta contra um contingente disposto a morrer em batalha não é o suficiente, para derrotar um regimento espanhol como foi o caso do 262º, os soviéticos tinham que praticamente destruir todo o regimento para avançar, um tipo de desafio que não

⁸⁹ *Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de "Krasny Bor"*. P.88-92.

esperavam enfrentar. O resultado final da Batalha de Krasny Bor foi um número de baixas altas para ambos os lados: a Divisão Azul teve no total 3645 baixas e os soviéticos passaram dos 20000 somadas a perdas materiais.

A Divisão Azul, mesmo em desvantagem em relação aos números, material bélico e terreno, conseguiu cumprir a sua missão, sem dar um mérito excessivo como se fosse responsável por parar todo o ambicioso plano soviético, até porque se os alemães caíssem em Volkhov e Demyasnk, a sua vitória teria sido inútil. Vários fatores resultaram o fracasso da operação de Zhukov, os voluntários espanhóis eram apenas parte das forças alemãs que frustraram os planos soviéticos, mas não se deve negar a responsabilidade e o desafio que a Divisão Azul assumiu para impedir o avanço soviético em Krasny Bor.

Mesmo que sendo meros coadjuvantes, tal esforço espanhol foi maior que de muitos aliados do Eixo, tal como foi a Itália que, sendo um dos beligerantes e potências do conflito, suas forças armadas não conseguiram nem avançar contra o exército grego que era mais fraco e sendo contra-atacados em seguida sob o risco de perder o seu território da Albânia. Os voluntários fizeram parte de um cenário difícil e mesmo sua pátria não estando na guerra, não deixaram de mostrar a coragem e a dedicação que tinham enquanto estavam servindo em outra nação muito distinta da sua, longe de casa e lutando contra um dos maiores e mais fortes exércitos da história.⁹⁰

A repatriação dos últimos batalhões e o legado da Divisão Azul

A repatriação de voluntários já acontecia desde 1942 com o envio dos primeiros batalhões de volta a Espanha que eram recebidos por uma imensa recepção das massas, mas por volta de 1944, o entusiasmo não se repetiu com os últimos batalhões vindos da Legião Azul. No ano de 1944, a situação estava bem diferente da encontrada em 1942 quando o entusiasmo da cruzada antibolchevique era o assunto do momento. Com a guerra claramente indo contra os alemães e a liberação da França pelos Aliados, era pressuposto um fim ao regime de Franco e

⁹⁰ *Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de "Krasny Bor".* P.89-92.

os voluntários que antes eram considerados heróis estavam sujeitos a se tornarem uma vergonha nacional.⁹¹

Agora com os Aliados a sua porta, o governo de Franco faria de tudo para melhorar as relações com os britânicos e os americanos, uma das medidas foi apagar a memória da Divisão Azul. Mesmo com todo o esforço dos voluntários feito na linha de frente, o governo que antes foi a favor agora os ignorava temendo por sua sobrevivência. O próprio Serrano Suñer quando era Ministro das Relações Exteriores, foi o principal apoiador da iniciativa da Divisão Azul, só que quando escreveu suas memórias sobre a Segunda Guerra Mundial, não fez questão de mencionar a unidade.

Muitos ex-voluntários combateram a ignorância do governo publicando seus próprios livros sobre a campanha da Rússia, sentindo-se humilhados pela atitude do governo espanhol que antes desejou recuperar o esplendor imperial e utilizar a divisão como um meio para conseguir isso. Na realidade, os voluntários da Divisão Azul tiveram sorte em comparação a outros voluntários de outros países europeus que se juntaram a Wehrmacht ou a Waffen-SS. Muitos que colaboraram com o Eixo tiveram punições severas como foi o caso dos voluntários franceses que, ao se entregarem às forças aliadas, alguns foram entregues aos soviéticos e outros fuzilados por traição.⁹²

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Espanha não foi admitida na recém-criada Organização das Nações Unidas e os embaixadores dos Estados Unidos, França e Reino Unido retiraram suas embaixadas do país. Quando chegou a Guerra Fria, o anticomunismo presente aceitou o regime de Franco. Mesmo não fazendo parte da OTAN até 1992, a Espanha já tinha acordos militares com os Estados Unidos e estabelecido bases americanas em seu território. Os presidentes Eisenhower (EUA) e De Gaulle (França), ambos visitaram a Espanha e abraçaram Franco, ou seja, da mesma forma que Franco fez amizade com Hitler e Mussolini, agora fazia com os ex-adversários, até porque a

⁹¹ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.57.

⁹² JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.57.

União Soviética tanto antes quanto depois da Segunda Guerra era uma ameaça ao ocidente.⁹³

Os sobreviventes que ficaram nas mãos da União Soviética nunca tiveram o direito de prisioneiro de guerra, tendo assim a maioria dado como morto. Em 1954, um total de 248 voluntários foi transportado a bordo do navio *Semiramis* financiada pela Cruz Vermelha, entre eles foi encontrado José Alberto Rodrigues Esteve, natural de Lisboa, que ficou 11 anos em campos de trabalho soviéticos.⁹⁴O retorno dos prisioneiros ganharia uma atenção pública na mídia, na literatura e em filmes. Na verdade, quando em 1956 a Hungria se rebelou contra a ocupação soviética, o governo achou que haveria outra cruzada contra o comunismo e pensavam em realizar uma nova iniciativa de voluntários, mas a reputação da Divisão Azul estava manchada por conta do envolvimento com o Terceiro Reich, por isso a idéia acabou sendo descartada e o assunto encerrado.⁹⁵

Quando as notícias sobre os crimes cometidos pelo Terceiro Reich começaram a circular, os voluntários ficaram em uma situação de desconforto. Mesmo não sendo responsáveis, muitos se sentiram envergonhados em terem vestido o uniforme alemão e até mesmo aceitaram ordens para remover as insígnias da Wehrmacht de seus uniformes que continuaram a usar após suas repatriações, porém muitos mantiveram as insígnias que ganharam na Rússia e da Divisão Azul que lhes representavam orgulho.

Toda a promessa e sonho de grandeza envolvendo a recuperação de Gibraltar e expansões do império colonial espanhol desapareceram, os veteranos que foram atraídos não só pelo sentimento anticomunista como também por essas causas se sentiram traídos. Houveram voluntários que criticaram o regime de Franco por não estender a política de justiça social, não continuar a modernização e até mesmo por não restaurar a monarquia. Muitos haviam saído da Falange e se juntado a oposição, entretanto, com a presença soviética na Alemanha Oriental e na China que caiu para os comunistas de Mao Tse-tung, muitos escolheram

⁹³ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.58.

⁹⁴ DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*. P.465.

⁹⁵ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.58.

permanecer leais a Franco vendo que a ameaça do comunismo era ainda maior naquele momento.⁹⁶

No mesmo ano de 1954 quando chegaram os voluntários que estavam cativos na União Soviética, os veteranos da Divisão Azul formaram associações em toda a Espanha, realizando encontros, abrindo clubes e publicando boletins. Apesar da intensa atividade inicial, ao longo dos anos a atividade começou a reduzir, provavelmente por razões financeiras porque o regime de Franco tentava excluir a história da divisão, deixando assim as associações definharem, mas, durante a existência delas, as organizações eram mais ativas que as associações de veteranos da Guerra Civil. A intensa atividade não foi à toa, pois muitos que participaram da Guerra Civil e depois se alistaram na Divisão Azul, consideraram a experiência que tiveram na Rússia como a mais desafiadora de suas vidas, superando até mesmo ao que passaram no conflito de 1936.

Em relação às interpretações, muitos voluntários se arrependiam, alegando que se alistaram por causa da fome ou da perseguição de familiares pelo regime de Franco. Para muitos espanhóis, a Divisão Azul foi o ato final da Guerra Civil de 1936, houve tanto os apoiadores da Frente Popular que tentaram denegrir quanto os nacionalistas tentaram exaltar. Ambos os pensamentos são uma minoria, o que se considera em geral é um respeito dado aos voluntários que se sacrificaram por seus ideais, independente se você compartilha com eles ou não.

Graças às associações de veteranos, foi erguido um monumento aos caídos num cemitério em Madrid oferecendo um local de descanso aos restos mortais dos voluntários que foram trazidos de volta da Rússia. Inclusive, um cemitério espanhol foi erguido perto de Novgorod para soldados da Divisão Azul, sendo um local de peregrinação para veteranos e familiares dos mortos. O governo ou o próprio Franco nunca fizeram algo assim para ao menos homenagear os caídos, demonstrando que a dedicação dos voluntários veteranos ia além do combate, tanto que, nos obituários de alguns dos sobreviventes restantes, não havia descrições sobre carreira ou suas qualidades, apenas diziam que eram veteranos da Divisão Azul.⁹⁷

⁹⁶ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.59.

⁹⁷ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.60.

A história da divisão não foi só preservada pelas associações como também pela literatura produzida pelos veteranos que vivenciaram o combate no front russo. Muitos dos voluntários tinham educação universitária quando partiram para a Rússia e muitos quando foram repatriados retornaram aos estudos. Por conta da educação que tiveram, não só cuidaram de jornais publicados da Divisão Azul no front como também mantiveram diários com detalhes sobre a campanha e, a partir desse material, começaram a escrever livros após o conflito. Muitas publicações vieram, indo de editoras modestas a best-sellers publicados por editoras grandes, incluindo revistas e boletins. Hoje em dia, ainda se tem publicações sobre a Divisão Azul, até mesmo os descendentes dos veteranos editam suas escritas, hoje muito material foi perdido ou disponibilizado exclusivamente.⁹⁸

Ao longo do tempo existiram pequenos museus e grupos que visavam manter a memória da divisão viva, mas de forma muito modesta e privadas devido ao medo de uma possível violência política, podendo ser acusados de serem apologistas do fascismo por conta da história da divisão com o Terceiro Reich.⁹⁹ No geral, a Divisão Azul deixou uma riqueza literária e histórica que nenhuma outra unidade espanhola teve na sua história militar, não por razões ideológicas, mas pela história dos voluntários que lutaram seguindo uma causa ou necessidade. Mesmo que tivesse caído no ostracismo por conta dos receios do governo, é fácil encontrar até hoje trabalhos sobre a Divisão Azul.

⁹⁸ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.61.

⁹⁹ JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd. P.62.

Considerações finais

Ao longo do trabalho, teve-se como principal objetivo ligar a história de Espanha e Portugal com a da Divisão Azul e vice-versa, pois tais assuntos não se encontram isolados. Foi necessário abordar o contexto histórico tanto da Espanha quanto de Portugal para entender como que se deu a criação da Divisão Azul ao mesmo tempo em que tal unidade é resultado dos acontecimentos vividos nos dois países que se declaravam neutros na guerra, mas que se envolveram de acordo com a situação em que passavam diplomaticamente e militarmente. Outro objetivo a se tomar foi de distanciar a história dos países do discurso genérico sobre o fascismo, pois as fontes demonstraram que, apesar das inspirações ou interações que Espanha e Portugal tiveram com o fascismo italiano e o nazismo alemão, ambos tinham suas próprias características e agendas.

No primeiro capítulo foi abordada a busca pela modernidade que a Península Ibérica passava, onde os dois países que antes foram potências no cenário internacional agora enfrentavam o trauma de um declínio que sofreram das derrotas e impotências. Espanha e Portugal viveram uma disputa entre a tradição e o progresso onde em ambos os casos resultaram em mudanças de rumo e conflitos armados entre a população, prevalecendo no final os regimes autoritários que duraram, praticamente, até a morte de seus líderes.

O segundo capítulo sobre a interpretação das relações entre a Península Ibérica e o Eixo mostrou que, mesmo inspirados em certos aspectos a nível social, econômico e político, tanto Espanha quanto Portugal preferiu a sua própria via a reproduzir as realizações de Hitler e Mussolini. Eventos que ocorreram internamente e externamente afetaram a península de várias formas que fez com que Espanha e Portugal interagissem com as potências da época a partir de vários dilemas e objetivos. No fim, ambos ficariam ao lado dos Aliados mesmo que seus regimes se diferenciasssem demais das democracias, mas que durariam graças ao anticomunismo ocidental que estreitou os laços deles com o lado vencedor.

No terceiro capítulo quando se analisou a formação e trajetória da Divisão Azul, se percebeu a pluralidade em relação aos voluntários que vieram de vários perfis, o papel político e propagandístico da unidade e o seu legado historiográfico. Mesmo com forte presença falangista, considerou-se o caráter voluntário e motivado, sobretudo, pelo anticomunismo, não reduzindo a divisão

apenas ao nazifascismo, não sendo meros servos do Terceiro Reich. A Divisão Azul recebeu um tratamento distinto dos seus compatriotas do Eixo, porque não só receberam apoio material e pessoal da Alemanha como também foi condecorada com sua própria premiação, sendo lembrada e respeitada pelos alemães. Mesmo com toda a controvérsia ideológica e racial, Adolf Hitler os considerava tão bons quanto os alemães e em um dos seus monólogos, elogia a atuação da divisão: “... os espanhóis nunca cederam um centímetro de terreno. Não se podem imaginar companheiros mais destemidos. Eles mal se protegem. Eles zombam da morte. Eu sei, em qualquer caso, que nossos homens estão sempre contentes de ter espanhóis como vizinhos em seu setor”.

A Divisão Azul em si foi importante para se entender o contexto que Espanha e Portugal passavam na virada do século e durante a Segunda Guerra Mundial. Não sendo necessariamente a fonte de toda a história de ambos, foi um objeto de estudo que demonstrou como que vários eventos que Espanha e Portugal resultaram na sua formação e como que dessa unidade se pode tirar um estudo sobre a história desses países. Não foi um mero ato solidário, existem diversos interesses e motivos por trás da unidade de voluntários que até hoje gera um conteúdo acadêmico.

Por fim, é importante salientar sobre a generalização do termo fascismo, porque mesmo que a Divisão Azul seja fascista por seu propósito e uso, Espanha e Portugal não se encaixam nesse termo por terem suas próprias agendas, resultando assim num espaço propenso a discussão do que a generalização. Diante de uma crise do liberalismo e uma conflituosa busca de uma modernidade, a Península Ibérica viu no fascismo e no nazismo idéias plausíveis, mas que devido ao seu contexto, não se via o que aconteceu na Alemanha e Itália se repetir por lá, pois ambos resolveriam a partir de suas próprias características. Tanto o Salazarismo quanto o Franquismo se distanciam do nazifascismo e englobá-los resulta numa generalização que impede ou atrapalha o estudo e entendimento desses movimentos políticos e até mesmo da história espanhola e portuguesa.

A Divisão Azul foi resultado de vários fatores e eventos, não estando isolado deles, sendo um exemplo de quão longe o ser humano vai por seus ideais e necessidades, mesmo que se tenha um uso interesseiro por traz de um grupo no poder. Os voluntários demonstraram que eram mais do que meros coadjuvantes do Eixo, fanáticos políticos ou meros aventureiros. Ignorando qualquer insinuação de

uma história do bem ou do mal, eles eram guerreiros e testemunhas de eventos que mudaram para sempre a nossa história em geral que em breve não estarão mais entre nós, deixando apenas as suas narrativas e registros sobre a unidade.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Débora Marina Canhoto. *Imagem e propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto Universitário de Lisboa, 2004.

DIOGO, Andreia dos Santos. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)*.

JULIÁ, Xavier Moreno. *La División Azul em El contexto de las relaciones entre La España de Franco y La Alemania nazi*. Unibersidad Rovira i Virgili. Tarragona, 2012.

JURADO, Carlos Caballero. *Blue Division Soldier 1941-45*. Osprey Publishing Ltd.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. *O Pensamento Autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações*.UERJ. CNPQ.

Morir en Rusia: La División Azul em la batalla de “Krasny Bor”

TORRES, Jorge Mano. *Corporativismo e Fascismo em Portugal. O Instituto Nacional do Trabalho e Previdência*. Instituto de História Contemporânea, FCSH/NOVA.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola* / Francisco J. Romero Salvadó; tradução Barbara Duarte. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008.

SEIXAS, José M. Núñez. *Falangismo, nacionalismo y el mito de Hitler em España (1931-1945)*. Universidad Ludwig-Maximilian. Múnich, 2015.